

MARIÁPOLIS

NOTICIÁRIO DO MOVIMENTO DOS FOCOLARES

ANO XXXV MARÇO-ABRIL

3•4 2018

Viagem à China
**Em unidade
para além
das barreiras**

Pré-Sínodo

A palavra aos
jovens, que
também ouvem

#10Chiara Lubich

Uma profecia
que se torna
história



Pormenor da pala do altar Maria Mãe do Povo de Ave Cerquetti - Igreja de "Jesus divino trabalhador" (Arezzo-Itália)

Maria Desolada

«Uma outra Maternidade»

Quando Jesus [indicando João]
diz: «Mulher, eis o teu Filho» (Jo 19, 26),
Maria deixa de ser sua Mãe.
É o momento em que Maria oferece a Deus a
maternidade divina
a que Ele lhe tinha feito participar.
É um "fiat" diferente do primeiro.
Com o primeiro, renunciava à virgindade
(aparentemente): com o segundo

renunciava à Maternidade – também aparentemente –. Só assim é Mãe de todos. Adquire a Maternidade divina de infinitas almas, renunciando à Maternidade divina do Primeiro Filho. E, também este facto, é segundo a economia de Deus. Dá um e recebe cem.

Mas a dor que Ela experimentou com o grito de Jesus, não se pode imaginar.

Era a hora em que Ela gostaria de Lhe estar mais próxima.

Mas, na verdade,

Jesus já a tinha destituído de ser a sua Mãe.

Já não tinha nenhum direito por ter sido Mãe d'Ele e, perante a passagem, indicada por Jesus, a uma outra Maternidade, não podia lamentar-se, nem alterar-se.

Por isso Jesus, naquele momento, não tinha nem mãe, nem Pai. Era o nada, nascido do nada.

E Maria estava suspensa, também Ela, no nada. A sua grandeza tinha sido a Maternidade divina. Agora, era-lhe tirada.

Por isso, a Desolada, naquele momento – por vontade divina – não participou na Redenção. Foi excluída do Filho que, sozinho, se ofereceu por todos, incluindo Ela.

No entanto, ao mesmo tempo, participou nela com uma intensidade infinita

porque, precisamente ali, foi feita nossa Mãe. [...]

E agora se compreende a nossa grandeza. Fomos realmente destinados a ser *outros* Jesus, divinos como Ele.

Maria pagou-nos. E, pelo Jesus que deu, não pode receber em troca muitos Jesus a meias, mas *Jesus verdadeiros*, com a sua luz e com o seu amor. Como Ele. «Ama-os como me amaste» (cf. Jo 17, 23).

É bonita a Desolada, neste seu dirigir-Se para a humanidade, para recolher o fruto da morte do Filho. [...] Vejo-a com Ele a correr ao encontro do homem, que passou a ser o seu Deus [o seu ideal]

por amor a Deus! Ambos prontos a deixar tudo por nós. Assim, nós – como Eles – devemos perder Deus pelos outros homens, perder a Unidade pelos Jesus Abandonados espalhados pelo mundo. Fazer da Unidade o trampolim de lançamento em direção à humanidade. Vir, viver para os pecadores e não para os justos: como Ele, como Ela.

Chiara Lubich

Escrito de 2 de outubro de 1949 in CHIARA LUBICH
Maria, por B. Leahy e J. Povilus, Cidade Nova,
Abriçada 2017, pp. 38, 41



Uma profecia que se torna história

2018. Dez anos. Chiara deixou-nos em 2008. Foram muitas as vozes que se ergueram para falar acerca da sua pessoa. Sublinha-se de um modo especial a projeção social do carisma da unidade

Chiara Lubich soube ter uma visão longínqua. Dócil à orientação do Espírito e totalmente imersa na humanidade, ela deu um rosto e palavras a um Deus que está próximo, que mora entre nós e fala a língua da nossa gente e dá respostas concretas ao nosso viver juntos.

É justamente aquilo que, neste décimo aniversário, tentamos descobrir através da beleza e riqueza da incarnação em todo o Mundo.

Quando no dia 3 de março, durante o evento central realizado em Castel Gondolfo, intitulado «a grande atração do tempo presente», Jesús Morán ofereceu aos presentes alguns pormenores sobre a profecia social de Chiara, afirmou: «Chiara



não foi uma reformadora social, tal como tampouco Jesús o foi. De facto, o sonho de Chiara aponta ao mais alto e ao mais profundo, quer dizer ao fundamento antropológico e teológico de qualquer reforma social: a fraternidade universal e a unidade, tal como foi pensada por Jesus o homem-Deus.».

Percorrendo as notícias que do mundo inteiro nos mandam sobre as iniciativas para recordar Chiara neste décimo aniversário, em evidência surge a universalidade do carisma e a diversidade dos seus matizes.

Onde quer que exista uma comunidade do Focolar é espontânea a necessidade de encontrar-se. Em muitos dos ambientes de tradição católica celebram-se Missas, quase sempre com o respetivo Bispo, seguidas de momentos de convívio que reavivam a luz, o amor, o sentido de se ser família. São preciosas oportunidades de oferecer a outras pessoas a ocasião de respirar esta fraternidade. Com frequência realizam-se nesta data Mariápolis, Jornadas, celebrações do aniversário da chegada do focolar, etc.



Nos ambientes onde prevalece a experiência ecuménica e inter-religiosa não falta a participação de cristãos de várias Igrejas e membros das grandes Religiões, o que mostra uma porção de humanidade que, para além da sua diversidade, vive a experiência do amor recíproco.

Em muitos locais, as comunidades dão um carácter público a este aniversário.

A Emmaus, Maria Voce, no dia 3 de Março disse: «Ainda hoje recebemos de Chiara a espiritualidade da unidade centrada em Jesus, Deus e homem, que se torna presente, como prometeu, entre as pessoas que se amam, mas também no caminhar da sua História humana concreta, contingente.



Castel Gandolfo, 3 março 2018 ©foto CSC Audiovisivi C. Mendes



A Emmaus continua: «a quem pergunta “Que obras fazem concretamente?”, Chiara responde: «A característica própria do Movimento é o amor».

Qual é o efeito do amor? Leva-nos a fazermo-nos um com os outros, para podermos servir a todos. Porque o cristianismo é amor e amor significa serviço [...].

Assim, nas nações onde vamos, tentamos identificar o primeiro servi-

ço que deve ser prestado a essa nação, a esse determinado povo, àquelas pessoas. Dessa maneira vão-se delineando várias maneiras de servir e diferentes obras, que não têm uma finalidade própria, mas só existem para serem uma resposta «às necessidades desse povo, e por isso, nascem aí obras sociais»

É um percurso coletivo que irradia, contagia, que se abre a quem a ele se acerca e produz uma forma de agir que pode incidir e transformar todos os âmbitos da sociedade e da História. Até a trágica situação de guerra e genocídio se pode transformar numa história de esperança.

Deixemo-nos forjar pelas palavras do Evangelho: bastaria uma para mudar o mundo.

Chiara afirmava: «O Evangelho não é verdadeiramente compreendido. Porque se fosse compreendido não seria preciso mais nada para realizar a revolução social»

Portanto, o Evangelho, quando é vivido por homens e mulheres em determinado contexto sociocultural, provoca uma atitude de escuta das necessidades de quem os rodeia.

«A grande atração do tempo presente»

2.000, dos cinco continentes, foram os participantes, no dia 3 de março, na celebração central em Castel Gandolfo. O cardeal *Pietro Parolin*, secretário do Estado do Vaticano esteve presente e salientou a «confiança» com que Chiara se entregou à Igreja, esperando que se «cumprissem os tempos do Espírito», de maneira que «o

Castel Gandolfo, 3 março 2018 ©foto CSC Audiovisivi C. Mendes



seu carisma pôde tornar-se uma oferta, não apenas para o Movimento, mas para a totalidade da comunidade eclesial».

No âmbito social, a incidência da doutrina espiritual de Chiara foi evidenciada nas palavras da Emmaus: «É Maria quem dá forma à socialidade da Obra, que nasceu de Chiara, e nela imprime as suas características. Uma das quais é ser mãe, geradora de vida. Chiara viveu esta maternidade transformando a vida de milhares de pessoas [...]. Abraçados pela Obra, numa maternidade sem limites, que vai para além de qualquer pertença tempo-



Castel Gandolfo, 3 de março. O card. P. Parolin cumprimenta o bispo luterano C. Rause (à esquerda) e o arcebispo F.X. Kriengsak Kovithavanij

ral, todos são e sempre serão parte viva do único Desígnio, reconhecidos como seus filhos, sempre e em qualquer lugar».

Jesús Morán vê a profecia social de Chiara Lubich e identifica a sua raiz, que permanece atualmente como fonte de constantes e novas iniciativas: «Podemos dizer que a primeira obra social de Chiara foi a própria comunidade dos focolares, que nasceu em Trento logo depois da guerra. Comunidade que, tomando à letra os Actos dos Apóstolos (At 2,42-48), vivia com radicalidade a comunhão dos bens e esmerava-se em auxiliar os pobres e a multidão de pessoas em sofrimento que o conflito deixara detrás de si.

Esta raiz jamais se perdeu, pelo con-

trário é ela a fonte de inspiração de todas as atividades e projetos sociais que se foram ativando durante estes anos, primeiro por ela própria e depois pelos que, seguindo-a, assumiram como seu o ideal da unidade».

O momento vivido a 3 de março evidenciou dois aspectos de uma única realidade.

Por um lado, o que se viveu até agora, o passado que se foi construindo desde 1943 até aos nossos dias e isto, através de exposições de experiências da quotidianidade que, desde a Síria até à Itália, do Brasil às Filipinas, à Costa do Marfim, emolduradas pelas canções, danças, coreografias - expressaram a dimensão de um sério e profundo testemunho.

O outro aspecto projeta-se no futuro. Não se pode desvalorizar o facto de que a profecia de Chiara formou milhares de pessoas que são construtoras de paz, de fraternidade, pessoas capazes de criar um novo modelo social no mundo, o qual pode ter adquirido um novo vigor. Irão ver-se essas pessoas como construtoras de pequenas células, espalhadas pelo mundo. Mas, sabe-se que as «pequenas» coisas são as sementes das grandes árvores.



Estocolmo (Suécia)

No caminho de Chiara

Olhando para as celebrações, numa perspectiva de conjunto, vemos harmonizarem-se todas as dimensões da Obra. Uma rede estendida pelos cinco



Fortaleza (Brasil)

Continentes, de que podemos apenas oferecer algumas notas.

Começou-se já a 24 de fevereiro na **República Checa**, seguida, no dia um de março, em **Washington D.C.** e no dia 3 em várias cidades do **Paquistão**, e em Manaus no **Brasil**, em Seul na **Coreia**.

As celebrações continuaram depois do dia 14 de março. Em Garissa (Quênia), uma zona que sofre fortes tensões pela falta de segurança e os desafios do diálogo entre os cristãos e muçulmanos. Em Luanda (Angola) aproveitou-se para festejar os 25 anos da chegada do focolar. Em Johannesburg e Hartswater (**África do Sul**) participaram pessoas de várias culturas. Para algumas era a primeira vez que partilhavam de uma realidade tão diferente. Do **Burundi** escrevem: «O ideal de Chiara não é uma utopia. A festa foi um momento intenso de partilha de experiências, que eram a evidência de um povo que escolheu Deus como ideal, seguindo

Bangalore (Índia)



Chiara. O que se confirma também com o título da Jornada: "Com Maria, renovamos a humanidade"».

No Cairo e em Sohag no **Egipto**, havia membros das antigas igrejas cristãs (cotas, melquitas, caldeus, etc.). Na **Jordânia** a televisão Noursat jordan e o site www.abouna.org publicaram a notícia do evento. Também se reuniram em Ainkawa, no **Curdistão** iraquiano.



Bujumbura (Burundi)

A rede que se estendeu sobre a Ásia chegou a Países como o **Vietnam** e a **Tailândia**, onde, em Chiang Mai, havia participantes de cinco etnias diferentes. De lá nos contam: «Depois da celebração eucarística, caminhamos 7 quilómetros com as crianças e adultos para chegar até a uma aldeia pobre dos nossos amigos da tribo Kachin. Pusemo-nos a limpar um pedaço da aldeia e a preparar um espaço onde as crianças pudessem brincar livremente. Nós pertencíamos a várias tribos, unimo-nos para apoiar aquela tribo que tinha necessidades, já que todos somos irmãos e irmãs

de uma única família, como Chiara Lubich sempre nos ensinou. Queremos continuar a viver a sua herança para realizar o seu desejo de levar o mundo a Deus ... uma aldeia de cada vez».



Tokyo (Japão)

No **Japão** veio em evidência a presença de budistas, entre os quais uma numerosa participação da Rishso Kosei-kai, acompanhada pelo rev. Nichiko Niwano e outros dirigentes.

Não há nação europeia que não tenha sido marcada por um ou mais eventos, preparados segundo os mais variados formatos.

Nos **Balcãs**, o facto de reunirem-se, insertava-se na complexa situação do País dessa região geográfica, que viveu sob o impacto dos históricos conflitos culturais e sociais. Portanto hoje, seguindo o caminho de Chiara, sentiam-se chamados a acender uma luz nova de compreen-



Madeira (Portugal)

são, de unidade e cooperação, como em Ljubljana (**Eslovénia**), onde se apresenta a Economia de comunhão como sinal profético dos nossos tempos.

Em Estocolmo, na **Suécia**, fez-se o lançamento do livro *Enhetens Nyckel*, tradução em sueco do livro *A unidade e Jesus Abandonado*, escrito por Chiara.

Entre a variedade dos inúmeros congressos, encontros e reuniões em **Itália**, salientamos o que teve lugar no Palazzo Vecchio, em Florença, com o título «Conhecimentos plurais». A partir do tema 'Diálogo', como instrumento fundante de uma sociedade multiétnica, multicultural, inter-religiosa e globalizada, este evento destacou um percurso para enfrentar a crise contemporânea, que foi definida por Chiara como a «noite da cultura», e sugeriu o processo: ter como objetivo a unidade entre os povos e as pessoas, respeitando as diversidades.

Editado pela redação



Florença (Itália)

Viagem ao mundo chinês

Perseverar na unidade voar para além das barreiras

**Taiwan, China Popular,
Hong Kong, Macau e ainda
Hong Kong: na viagem
de Maria Voce e Jesús
Morán a descoberta de
um mundo que o Ocidente
dificilmente pode
imaginar.**

«*Persevere in unity, fly beyond boundaries – Perseverar na unidade, voar para além de todas as barreiras*». A frase está fixada na parede da escola católica, no interior do conjunto de edifícios da catedral de Hong Kong e parece que foi colocada nesse sítio para sintetizar esta viagem da Emmaus Maria Voce e Jesús Morán através do imenso mundo chinês (de 7 de março a 4 de abril.). Taiwan, China Popular, Hong Kong, Macau e de novo Hong Kong: a descoberta de um mundo dificilmente imaginável pelo Ocidente. Perante um vertiginoso progresso, caracterizado pela eficiência e pelo crescimento constante, onde não faltam as diferenças e as barreiras, muitas vezes invisíveis para quem chega de pára-quadras só por poucas horas, ou poucos dias, nesta fatia

© foto R. Catalano



Hong Kong. O Nam Liam Garden,
um oásis de meditação
no meio dos arranha-céus

do mundo. À complexa situação sociopolítica destes Países para a Igreja, juntam-se ainda delicados nós com facetas complicadas, que variam de país a país e de zona para zona nos respetivos territórios, o que impossibilita qualquer tipo de generalização. Uma variedade de línguas com o evidente predomínio do mandarim, mas com uma significativa presença do cantonês em Hong Kong, Macau e na província de Cantão e outras. Nesta imensa Bacia geográfica existem dezenas de etnias.



Mosteiro do Dharma Drum Mountain, perto de Taipei. O rev. Huimin recebe a Emmaus Maria Voce e a delegação do Centro do Movimento

A Obra de Maria, presente nesta área desde os inícios dos anos setenta do século passado, desenvolveu-se ao longo destas décadas sobretudo em Hong Kong, Macau, Taiwan e em alguns pontos da China Popular, oferecendo importantes contribuições a nível da comunhão e do diálogo, tanto no âmbito da Igreja Católica como da sociedade.

A viagem da Emmaus e do Jesús foi pensada precisamente para permitir contactar com as comunidades do Movimento e, no final, ter momentos de reflexão sobre a atual situação global da Obra na região, sobre o seu papel a nível social e eclesial, procurando também avaliar perspectivas para os anos futuros.

Em Taiwan

Esta viagem começou em Taiwan, onde a comunidade dos Focolares está presente desde o final dos anos 70, mas que o Mons. Yu Bin - que depois foi cardeal - tinha já solicitado durante as primeiras Mariápolis nos Dolomites, pois compreendeu que o espírito de comunhão do carisma da unidade era especialmente adequado para a alma e cultura chinesas.

No ambiente taiwanês, onde os católicos são cerca de duzentos mil, a comunidade dos Focolares manteve-se pequena mas muito viva, tanto na capital, Taipei, como noutras áreas da ilha, tais como em Kaohsiung, situado ao sul.

Durante esta visita da Presidente e do Co-presidente dos Focolares, também se organizou uma Missa para recordar o décimo aniversário da morte de Chiara Lubich, na qual participaram cerca de 150 pessoas, com a presença do Arcebispo de Taipei e outros Bispos. Entre estes, o Mons. Ti Kang, arcebispo emérito da capital e amigo do Movimento, que demonstrou quanto Chiara está viva também neste cantinho do mundo.

A Emmaus, no final, quando fez uma saudação aos presentes, convidou-os a permanecer fiéis ao espírito de família que Chiara nos ensinou com a sua vida e, com essa atitude, servir a Igreja local, para fazer chegar o «que todos sejam um», como se tinha lido no Evangelho da Missa.

Mas o valor característico da presença da Obra de Maria nesta ilha veio especialmente em relevo nos dias seguintes. Depois da esplêndida Jornada com os membros do Movimento, onde foi possível apresentar o



Ofertas dentro de um templo tradicional

seu desenvolvimento e a presença neste País e se proporcionou que a Emmaus e o Jesús dialogassem com alguns dos participantes sobre aspectos típicos da sociedade e da Igreja local, surgiram importantes momentos de contacto a nível académico e inter-religioso.

Na prestigiosa Fu Jen University de Taipei, no dia 12 de março, Maria Voce e Jesús Morán estiveram a dialogar com uma dezena de professores, titulares de cátedras em várias universidades de Taiwan e de diferentes disciplinas: pedagogia, teologia bíblica, linguística germânica, economia, ecologia marinha, cinematografia, literatura italiana. O Jesús, nessa ocasião, sublinhou a importância do papel destes académicos pelo esforço que fazem de iluminar as várias disciplinas e

ensinamentos segundo a dimensão carismática de Chiara Lubich, que foi grandemente cultural. E encorajou-os a seguir em frente e, se possível, descobrir modos de estabelecer uma verdadeira reflexão interdisciplinar.

Pouco depois, na entrada de St. Paul, realizou-se uma cerimónia oficial de lançamento do livro, que compilou uma importante parte dos textos que se apresentaram durante a conferência sobre Chiara Lubich, na universidade Fu Jen, em 2013. Manteve-se o título desse encontro: *Patterns of Unity: An Interdisciplinary Dialogue on the Thought of Chiara Lubich*. A sala, com a capacidade de



aproximadamente 80 lugares, estava quase toda ocupada por um público qualificado, entre os quais o embaixador Tou, que em Roma representou Taiwan junto à Santa Sé, e outras individualidades do governo. Estava



Com a comunidade de Taiwan

também presente o mundo eclesial, através de uma representação da Nunciatura, alguns sacerdotes do Verbo divino, professores na Fu Jen, juntamente com jesuítas e os membros da Conferência episcopal de Taiwan.

No momento central do programa, Jesús Morán ofereceu a sua exposição que, sublinhando alguns dos aspectos fundamen-



Com a comunidade de Taiwan

tais da antropologia de Chiara Lubich, foi seguida por uma mesa redonda com diversas e breves explanações pretendia-se evidenciar vários aspectos das poliédricas características de Chiara nos âmbitos do diálogo, da pedagogia, do cuidado e assistência na doença, da ciência, da economia e da mariologia, o que facilitou uma reflexão académica sobre um carisma espiritual de inúmeras valências.

Foi também significativa a visita ao mosteiro budista do Dharma Drum Mountain, onde, no mês de Abril de 2017, se realizou um Simpósio budista-cristão, organizado pelo Centro do Dialogo Inter-religioso do Movimento e por diversos membros budistas da Ásia. O rev. Huimin recebeu a Emmaus e o Jesús calorosamente e com uma delicadeza que indicam quanto é uma realidade o caminho de diálogo que se tem feito e que pode prosseguir no futuro. A Emmaus sublinhou o significado da localização deste mosteiro, no cimo de uma colina, que exprime

muito bem a subida em direção ao Absoluto.

China popular

A viagem continuou, depois, através da China, onde o espírito da unidade e da comunhão já se difunde há anos, para oferecer a nossa colaboração de harmonia e de convivência recíproca entre os vários elementos sociais e eclesiais. As comunidades são diferentes e espalhadas pelos mais distantes pontos deste imenso País. Animadas por leigos e sacerdotes estão seriamente dedicadas a viver evangelicamente num ambiente nada fácil, devido aos velozes processos de urbanização e crescimento económico que se impõem, especialmente nas grandes metrópoles (na China, mais de uma



À entrada da escadaria que leva ao Santuário de Sheshan, perto de Shanghai

centena de cidades ultrapassaram o milhão de habitantes), ritmos de vida quase proibitivos tanto para os pais como para os filhos, criando tensões que põem em risco todos os relacionamentos familiares. Ao mesmo tempo, os jovens vivem imersos num mundo globalizado, caracterizado por uma elevada imposição de tecnologia, embora mantendo exigências espirituais de uma profundidade que noutras partes do mundo se desconhecem.

Estes temas foram assuntos do diálogo entre os membros da Obra com a Emmaus e o Jesús, durante as festas e os momentos de intercâmbio cultural alegres e profundamente motivados e motivadores, ao mesmo tempo.

Neste passar em terra Chinesa, um significativo momento foi a peregrinação ao santuário de Sheshan, onde se venera a figura de Maria que, do topo da torre da igreja, mostra o Menino Jesus. Uma imagem eloquente, considerou Jesús, que nos leva a reflectir sobre a nossa evangelização que se articula entre mostrar Jesus e protegê-lo, assim como fez Maria noutros momentos da sua vida.

Hong Kong e Macau

A parte final desta viagem tão vasta teve lugar em Hong Kong e Macau, dois centros no sul da China, separados por um lado pelo delta do Rio das Pérolas e que atualmen-



Nª Sª de Sheshan,
no Santuário perto
de Shanghai

te são regiões autónomas da República da China Popular. Ambas cidades que, depois de séculos de colonização, respetivamente da Grã-Bretanha e de Portugal, voltaram a fazer parte da soberania da China.

As duas cidades estão, no entanto, a anos-luz de distância. Depois da crise que viveram em anos passados, quando voltou para a China, Hong Kong tornou-se novamente um centro comercial e financeiro fundamental, não só para a China mas também para toda a Ásia. Macau, de uma pequena colónia portuguesa, por sua vez, transformou-se numa Las Vegas asiática, pela crescente presença de casinos e casas de jogo, que veem circular quantias de enlouquecer. O aspecto da cidade parece a síntese desta evolução socioeconómica: a porta de São Paulo, que outrora era emblema da colónia portuguesa, agora destaca-se no pano de fundo

dos majestosos arranha-céus das casas de jogo. Um contraste histórico e arquitectónico, que tem importantes repercussões nos modelos de vida diária e nos comportamentos.

Nestas cidades, a espiritualidade da unidade chegou no século passado, no final dos anos sessenta e foi-se desenvolvendo durante os anos seguintes. Foi justamente em Macau que combinaram encontrar-se todos os focolarinos e focolarinas desta Zona (tanto os que vivem em comunidade, como os casados). O objetivo era fazer uma avaliação da viagem e, a partir daí, discernir, identificando as perspectivas futuras da presença do Movimento e da difusão do seu espírito nesta imensa área geográfica e cultural.

Maria Voce e Jesús Morán evidenciaram três grandes temas da viagem, que podem resumir-se: no papel do Movimento perante os desafios sociopolíticos e eclesiais que a China está a viver, na necessidade de chegar a que as várias comunidades locais se co-entendam nas decisões e programas a realizar no futuro próximo e na pesquisa de



Com as comunidades de Hong Kong e Macau

modos de colaboração cada vez mais estreita com outros Países vizinhos, sobretudo com a Coreia e o Japão.

A partilha entre os presentes, com base nas diferentes experiências vividas e as sensibilidades ligadas aos ambientes nos quais se vive, realçou algumas linhas mestras que foram amplamente compartilhadas: caminhar para um relacionamento cada vez mais forte com a Coreia e o Japão; dar visibilidade à família espiritual de Chiara, inspirando-se na figura de Maria da Nossa Senhora de Sheshan e a necessidade de reforçar alguns focolares

que já existem, com a possibilidade de abertura de outros, para contribuir para a realização da unidade, do diálogo, e da harmonia nestes contextos socio culturais.

O encontro de domingo de Páscoa, com as comunidades da Obra de Maria em Hong Kong e Macau, foi a confirmação da difusão e maturidade do Movimento nestes dois pequenos lenços de terra. As pessoas presentes eram mais de quinhentas e partilharam com a Emmaus e o Jesús experiências de comunidades locais, assim como experiências pessoais e mantive-



Em Macau, com os focolarinos e as focolarinas. Estavam também alguns de outros países da Ásia

Novidade Editorial

A Ressurreição de Roma

É um dos escritos mais famosos de Chiara Lubich, publicado pela primeira vez na revista LA Via, em 1949. Fruto do impacto entre a contemplação do Paraíso, em que se vivia naquele verão, e a cidade de Roma no difícil período pós-bélico, A Ressurreição de Roma tornou-se num “manifesto” para a leitura de cada fenómeno urbano e para um itinerário de imersão na realidade humana, para aí atuar o desígnio de Deus. Um verdadeiro programa, uma “magna carta” para a renovação da sociedade, um paradigma para a “ressurreição” de cada cidade. A Ressurreição de Roma é, também, um dos escritos mais significativos do Paraíso de 49. Ele está na parte central da composição e traduz um momento crucial de toda a experiência, “a descida para o mundo”, quando Chiara deixa, por assim dizer, o seu “paraíso”, para voltar “à Terra” e olhar, com a luz “lá de cima”,

ram um diálogo muito animado precisamente sobre os desafios a que são chamadas a encarar, estas duas cidades, agora a nível social e eclesial.

É evidente que o carisma de Chiara tem um papel importante também nesta parte do mundo, onde se sente uma forte exigência de vida espiritual, de diálogo e comunhão entre os grupos e as comunidades diferentes, muitas vezes sujeitas a tensões entre elas e de formação cristã bem enraizada.

Roberto Catalano

a realidade humana na qual se encontrava imersa.



Considerando a relevância daquela página e o significado que assume na experiência do ano de 1949, a Escola Abbà pensou fazer dela objeto particular de estudo, publicando-o como quinto volume, na coleção “Studi della Scuola Abbà”, dedicada ao aprofundamento do Paraíso de '49. Três ensaios introdutórios situam o escrito no contexto histórico, explicam a dinâmica interna, confrontam-no com o texto contemporâneo “Tenho um só esposo sobre a Terra”. Seguem-se cinco estudos temáticos sobre os quais todos os membros da Escola Abbà trabalharam, incluindo alguns «externos», com a metodologia que lhes é própria. Em substancial homogeneidade, os diversos contributos movem-se com métodos que são ligeiramente diferentes uns dos outros, privilegiando, quer o diálogo direto entre os redatores, quer a sequência mais linear das contribuições dos membros individuais do grupo temático.

Em qualquer caso, os capítulos, incluindo os ensaios introdutórios, são fruto de um diálogo autêntico e prolongado entre todos os componentes da Escola Abbà que partilharam sugestões e intuições, enriquecidas pelas diferentes competências culturais. É uma primeira tentativa de transdisciplinaridade, de autêntica comunhão entre as disciplinas que se doam e se enriquecem reciprocamente dos diversos saberes.

Fabio Ciardi

À espera do Papa Francisco

As «leis» de Nomadelfia e de Loppiano

O Papa Francisco, no próximo dia 10 de maio, vai visitar as duas cidadelas, na Toscana. A amizade entre os respectivos habitantes foi reforçada por uma visita recíproca

Nomadelfia, situada a 10 quilómetros de Grosseto, e Loppiano, pertencente ao Município de Incisa Valdarno, a 30 quilómetros de Florença, começaram a preparar-se para a visita do Papa Francisco.

Uma representação de habitantes de Loppiano deslocou-se a Nomadelfia e um grande grupo de crianças e jovens de Nomadelfia, com os seus professores, fizeram uma visita a Loppiano. Uma «geminção» que não foi feita por acaso, mas que é fruto de uma amizade profunda. Entre estas duas realidades existem muitos pontos comuns, embora com histórias e Carismas completamente diferentes.

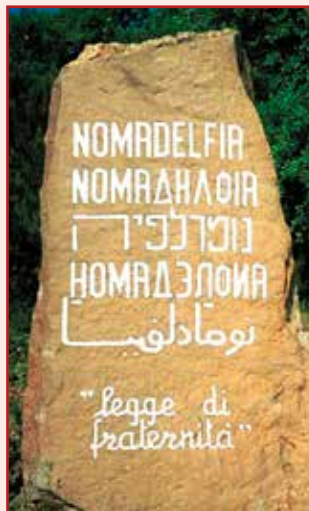
Nomadelfia, tem no seu nome a lei que regula a vida dos seus cidadãos: a fraternidade como caminho para chegar à unidade («Ut unum sint» é o lema da cidadela). Vivem lá 50 famílias que, inspirando-se nos valores do Evangelho, receberam como se fossem seus filhos, as crianças que, privadas de uma família natural, lhes foram confiadas pelo Tribunal de Menores. Um modelo de vida alternativo em que crianças, idosos,



19 de março. As crianças de Nomadelfia durante a visita a Loppiano

peças deficientes e doentes podem contar com cuidados específicos. Setenta anos após a sua constituição (no dia 14 de fevereiro de 1948), a proposta social do seu fundador, o Pe. Zeno Saltini (1900-1981), está viva e é actual. Em Nomadelfia, o Papa vai rezar junto do seu túmulo, vai encontrar-se com um «grupo de famílias», e depois saudará os habitantes.

Também Loppiano tem uma «lei», o «mandamento novo de Jesus». Quer ser uma cidade como muitas outras, testemunhando aquilo em que o mundo se poderia tornar, se, na base da vida social, existisse o amor recíproco vivido por toda a gente. Desde 1964, nasceram edifícios, empresas, uma cooperativa, escolas de formação e o Instituto Universitário Sophia, que se tornou um «laboratório internacional». O Papa Francisco fará um momento de oração no Santuário Maria Theotokos



e depois vai encontrar-se com os habitantes da Cidadela, em que estará também presente a Emmaus Maria Voce.

O Papa João Paulo II esteve para vir a Loppiano - conta Daniele Casprini, co-responsável da Cidadela -. Mas, quatro dias antes, devido a uma mudança imprevista do seu programa, a visita foi anulada. Penso que no coração de todos nós tenha permanecido o desejo "daquela" visita. Em 2015, o Patriarca de Constantinopla, Bartolomeu I, depois de ter recebido o título h.c. do Instituto Universitário Sophia, manifestou o desejo de que também o Papa a pudesse «descobrir».

Lembramos a emoção com que a Emmaus anunciou a notícia desta visita, a todo o Movimento dos Focolares: «É uma honra... - mas também - um sinal, precisamente neste ano dedicado a Maria, porque



10 de março. A visita dos responsáveis de Loppiano a Nomadelfia. Na foto com o presidente de Nomadelfia, Francesco Matterazzo (à direita)

Maria é o "Azul" e as cidadelas têm um lugar privilegiado neste aspecto».

À alegria da espera juntou-se uma intensa vitalidade. A Emmaus convidou todos a renovar o empenho de viver o amor recíproco, de corresponder à Palavra de Vida, dia após dia, de abraçar Jesus Abandonado em todas as dificuldades, dizendo: «É por isto!». Para que o Papa «possa ver na Cidadela um reflexo da vida trinitária na Terra».

Preparando o Sínodo de outubro

A voz dos jovens

Na preparação do Sínodo dos jovens do próximo mês de outubro, alguns jovens dos Focolares participaram nas reuniões pré-sinodais em Roma

Na abertura do Pré-Sínodo dos Jovens, que teve lugar de 19 a 24 de março no Vaticano, no Colégio Pontifício Internacional Maria Mater Ecclesiae, o Papa Francisco impulsionou os jovens a falarem com coragem, sem vergonha, com o "rosto duro", sem filtros, sem camuflar os sentimentos, mas, ao mesmo tempo, a escutar com humildade. "Vocês criaram uma cultura nova, - lembrou-lhes - mas estejam atentos: esta cultura não pode estar desenraizada. Um passo em frente, mas a olhar para as raízes! (...) E as raízes são os idosos, são os bons idosos". Daqui a importância



19 de março de 2018. A meditação organizada pelos gen no Plenário com o Papa Francisco

de escutar os idosos, e reiterou o conceito que lhe é muito querido, do profeta Joel: «"os idosos sonharão e os jovens profetizarão". Nós temos necessidade de jovens profetas, mas estejam atentos: jamais serão profetas se não agarrarem os sonhos dos idosos».

A reunião pré-sinodal congregou, pela primeira vez, 300 jovens de todo o mundo - não só católicos, mas também de diversas Igrejas, Religiões e convicções - para ouvir as suas vozes. Os jovens, objeto de análise do próximo Sínodo dos Bispos, em outubro, tornaram-se também sujeito, cumprindo assim o desejo da Igreja de realizar não só um Sínodo sobre os Jovens, mas também para e, sobretudo, com os Jovens.

Neste evento, definido epocal e profético, também os jovens do Movimento dos Focolares foram protagonistas, desempenhando diversos papéis. Para além da presença de um membro em representação da Obra de Maria (Noemi Sanches), estava, também, uma delegação de 17 Gen do Centro Internacional e da escola Gen de Loppiano, todos provenientes dos cinco continentes. A esta delegação, o Cardeal Lorenzo Baldisseri, secretário-geral do Sínodo dos Bispos, confiou os cânticos nas celebrações eucarísticas,



a preparação dos momentos de oração e as meditações. Dois destes gen foram inseridos nos grupos linguísticos, como "facilitadores" e representantes dos seus países.

Foi importante a presença daqueles gen enviados por outras realidades e comunidades eclesiais, como Santiago Emanuel Tognetti, da Comissão Nacional da Pastoral Juvenil da Argentina e Mena Yousef Fahien Askharon, estudante egípcio no Instituto Universitário Sophia, em representação das escolas e universidades católicas. Além destes, também Robert Georg Daiser, um gens, pelo Seminário St. Johannes der Täufer da Alemanha e um genre da República Checa, Oto Medvec, pelos Missionários Oblatas de Maria Imaculada.

O método de trabalho do Pré-Sínodo articulou-se em duas fases: os trabalhos em grupos linguísticos e os da Assembleia plenária, na qual se elaborou o esboço do Documento final, que recolheu os contributos de cada grupo, para além dos pedidos recebidos na consulta on-line. Este documento, apresentado ao Papa Francisco no domingo de Ramos, confluirá para o *Instrumentum laboris*, com vista ao Sínodo de outubro, sob o título «Os jovens, a fé e o discernimento vocacional».



Os debates resultaram ricos e frutuozos. Não faltaram motivos de tensão, mas encontrou-se o equilíbrio para uma linguagem que incluísse as diversas vozes, sem perder a exigência da verdade. A presença discreta do cardeal Baldisseri e do monsenhor Fabio Fabene, sub-secretário do Sínodo dos Bispos, assim como a assistência e o apoio dos seus colaboradores, que os ajudavam a expor o próprio pensamento com abertura, foi importante para alcançar o objetivo do encontro.

Entre os pontos salientes do Documento destaca-se o grande desejo dos jovens de terem referências coerentes, quer seja entre os líderes religiosos, quer entre os leigos, que os possam guiar nas suas decisões. Os jovens também pedem para ter, juntamente com os adultos, um papel de liderança, reivindicando total confiança. Expressaram a necessidade de continuar a falar com franqueza dentro da Igreja, sobre os temas escaldantes da atualidade e do mundo juvenil. Entre os jovens católicos vem em evidência a necessidade de uma maior formação, para compreender a essência e a verdade dos Sacramentos, viver a santidade hoje e continuar este diálogo enriquecedor intergeracional. Assim tam-

Praca de S. Pedro, no Domingo de Ramos. Os jovens dos Focolares na conclusão do Pré-Sínodo

bém para os relacionamentos com as várias Igrejas, o diálogo com as grandes religiões e as várias realidades humanas. Foi manifestada a necessidade de um empenho maior no campo social e do seu envolvimento na resolução dos problemas de hoje.

Os gen que não participaram como membros do Pré-Sínodo desenvolveram um papel, igualmente importante: o de serem «testemunhas» ao serviço de todos, viver o Ideal sendo Igreja e com a Igreja, conscientes de serem portadores de um contributo chave, através do amor recíproco entre si e com os da primeira geração que os acompanhavam.

Apesar do horário (7:30 da manhã), a participação nas celebrações eucarísticas foi numerosa. Alguém confiou que, graças às canções, foi estimulado a vir e viver melhor o seu significado. Até um não crente se sentiu atraído.

Alguns gen encontraram um crescimento pessoal e uma proximidade maior com a Igreja hierárquica e não só. «Senti a Igreja Una, um único corpo» - dizia uma delas. Houve uma consciência maior em amar a Igreja e, através do Ideal de Chiara, viver mais por ela. «Estar aqui, para nós, é uma graça e uma escola» - confirmava um gen.

Noemi Sanches

1) através da página facebook synod2018 e no site synod2018.va

Para aprofundar, ver Mariapoli online: «Con i gen verso il Sinodo» 1 e 2



Um retiro Nos passos de Maria

No final de fevereiro, o Conselho Geral do Movimento dos Focolares teve o seu retiro anual em Castel Gandolfo

Tenho de admitir que foi com um certo respeito que entrei na sala B, do Centro Mariápolis de Castel Gandolfo, naquela segunda semana de Fevereiro.

Realizou-se aqui o retiro do Conselho Geral, um dos «órgãos de governo» do Movimento dos Focolares. E, pela primeira vez no «pós Chiara», foi oferecida a um observador externo e comunicador a possibilidade de participar nos momentos principais deste encontro anual, no qual o Conselho Geral faz o ponto de situação do Movimento e procura identificar pistas de trabalho para o futuro.

O respeito nasce também - quase diria - da sacralidade deste instrumento, dada a tarefa exigente que lhe é atribuída pelos Estatutos Gerais da Obra de Maria: «Expressar a unidade de todo o Movimento e manter e incrementar o espírito de unidade em todas as suas ramificações». E o

respeito aumenta com o primeiro pensamento que me ocorre, vendo-me nesta sala: «Quem poderia inventar uma coisa deste género?».

Esta é uma pergunta que surge, inevitavelmente, quando se aprofunda um pouco mais esta realidade. Dele fazem parte 66 pessoas, um número já por si impossível para uma estrutura «de governo». Além disso, a sua composição é muito complexa. Estão representadas as grandes áreas geográficas, os responsáveis dos 27 ramos do Movimento, os Conselheiros dos vários aspectos da vida, os responsáveis pelos vários campos do diálogo. E encontra-se já realizada a aspiração de muitíssimos órgãos administrativos e estruturas governamentais em todo o mundo: está garantida a igualdade do género. Um «corpo» assim não pode funcionar, não pode ser operativo sem um princípio que transcenda esta



diversidade e a abra, continuamente, à unidade do todo. «Final aquilo que nos une é um princípio místico – explica Ruperto Battiston, corresponsável pelo aspecto da economia e da comunhão de bens –. A nossa espiritualidade convida-nos constantemente a amarmos-nos até ao ponto “de morrer” – como o definiu Chiara Lubich – para oferecer a Deus a possibilidade de agir entre nós. E isto significa colocar constantemente em jogo o próprio campo de responsabilidade, evidenciar os interesses dos outros e privilegiar o objetivo comum de trabalhar por um mundo unido, em detrimento dos seus próprios objetivos».

O que significa concretamente, e como é que este princípio pode funcionar, é o que se pode observar, exatamente, durante esta semana de retiro. A pouco mais de metade do mandato recebido na Assembleia Geral de 2014, é oportuno fazer um balanço dos três anos decorridos e olhar para as perspetivas futuras, certificando-se, também, se esse “princípio místico” é realmente o principal elemento que vincula o trabalho do Conselho Geral.

A agenda destes dias é longa. Inicia com a verificação das prioridades que o próprio Conselho estabeleceu para os três primeiros anos. Quais já se conseguiram realizar? Teriam sido demasiadas? Será neces-

sário dar primazia a alguma das prioridades? O trabalho evidencia três objetivos principais: o fundamental do Movimento, que é contribuir para a unidade da família humana, uma maior integração das novas gerações e a pergunta, sempre atual, sobre como podem ser incarnados, isto é, concretizados os grandes ideais do Movimento.

O segundo grande tema do retiro está ligado a este último objetivo: trata-se dos assim chamados «movimentos de massa» – como por exemplo, Famílias Novas, Jovens para um Mundo Unido, o Movimento Paroquial e o Movimento Diocesano e Humanidade Nova – realidades descritas pelo copresidente, Jesús Morán, como «auto-estradas da encarnação».

O terceiro dia foi dedicado ao «focolar», como vocação central e estrutura fundamental do Movimento.

O quarto dia foi dedicado a uma questão que, há mais de dois anos, continua a ser tratada no Movimento a muitos níveis. Quais os critérios segundo os quais se deverão canalizar os esforços, de um modo especial, no futuro? E, conseqüentemente, onde investir com recursos económicos e humanos? A partilha nos grupos e no plenário servirão de ideias para dar continuidade ao trabalho, nos próximos meses, nas várias zonas do Movimento e, sucessivamente, durante o encontro dos Delegados em setembro.

Não faltaram os elementos para nutrir o «fator místico»: a meditação no início de cada dia - seguida de longos períodos de comunhão - fez sentir a presença de Chiara de um modo muito profundo e manteve vivo o sonho «para cuja realização todos nos dedicámos, seguindo o chamamento de Deus», como se expressou uma participante. Sobre esta base comum foi possível

Uma experiência de toda a Obra

No noticiário Mariápolis on-line a conclusão do retiro, dirigida a toda a Obra. Aqui estão alguns trechos:

Emmaus. «Parece-nos que este "sair" pode ser conjugado de duas maneiras: na horizontal e na vertical. Nós queremos alargar a ação do Ideal o mais possível, a fraternidade universal. [...] E há uma raiz para o tornar possível: é o focolare. O focolare é aquela estrutura fundamental a que Chiara deu origem, sob a inspiração de Deus, para que continue a dar esta luz, por todo o lado e para sempre».

Jesús. «Neste momento, a que ponto estamos na concretização do "Ut Omnes"? Nós estamos convencidos que o "Ut Omnes" já começou e, também, é este o sentido da palavra escatológica: algo que terá que ser realizado, mas que já começou. Assim, queremos saber onde [...] alargar esta experiência formidável de Deus que o Carisma da unidade nos dá».

Emmaus. «É uma experiência que fazemos, que fazemos com todos vocês e que continuamos com todos. Segundo os passos de Maria, porque ela é que é a mãe do "Ut Omnes"».

A mensagem integral em:
<http://www.focolare.org/notiziariomariapoli/it/un-saluto-vivo-dal-consiglio-generale/>

atuar aquela prática muito particular da «hora da verdade»: durante uma tarde inteira, os membros do Conselho Geral – em pequenos grupos e depois em plenário – concentraram-se sobre alguns dos elementos e as respectivas realidades representadas, para salientar, com muito amor e respeito, aquilo que é positivo e o que é preciso melhorar.

A atmosfera de comunhão foi reforçada, também, com um passeio a Roma, onde os elementos do Conselho visitaram algumas Igrejas artísticas e historicamente interessantes e de reconhecido valor, dedicadas a Maria, Mãe de Deus, num percurso em consonância com o tema espiritual do ano 2018.

«Uma experiência segundo os passos de Maria», como a Maria Voce, resumiu a experiência deste retiro, numa mensagem a todo o Movimento. Foi através dela, da sua maneira de escutar e aceitar a Vontade de Deus que o Conselho Geral aprendeu a conciliar melhor a dupla vocação: isto é, por um lado, ser o espelho da vitalidade e da diversidade do Movimento dos Focolares e, por outro, realizar e proteger a unidade.

Joachim Schwind



foto © J. Schwind

Escola de Humanidade Nova

A Beleza das diferenças

Um encontro inserido no percurso de Oncity, que começou em 2016 no congresso com o mesmo nome, em Castel Gandolfo¹



descobrir a beleza das diferenças culturais, de crenças religiosas, de condições e de linguagem. Era necessária uma premissa para entrar no âmago dos trabalhos, propondo, por um lado, a visão antropológica do Carisma e, por outro, as ferramentas e as experiências que lhe revelem alguma realização. Como uma proposta metodológica para olhar para a cidade com olhos diferentes, foi apresentado um texto,

Os traços e as cores confirmam a diversidade. Bastava uma olhadela a partir do palco para se perceber isso: eram 300 participantes que vieram de 31 Países do mundo, de várias vocações da Obra, com 11 traduções simultâneas. De 28 de fevereiro a 4 de março trabalharam a «beleza das diferenças».

Havia a necessidade, expressa em muitas partes do mundo, de dar um contributo maior à encarnação da fraternidade universal que, neste décimo aniversário da partida de Chiara Lubich, é cada vez mais reconhecida como motor de mudança social. De facto, existem redes de relações humanas, profissionais, políticas, de vizinhança, capazes de desenvolver uma nova maneira de viver a vida social. Ao mesmo tempo, há também «galerias», muitas vezes escuras, que devem ser iluminadas com o diálogo.

Começou-se, então, com uma incentivante mesa redonda, com o objectivo de



objecto de estudo interdisciplinar da escola Abbà, intitulado a Ressurreição de Roma.

A cidade é o laboratório privilegiado onde o Carisma toma forma e encontra ocasiões preciosas para se mostrar com toda a sua potência.

O Movimento Humanidade Nova, formado por milhares de pessoas que, em todo o mundo, constroem a cidade com tenacidade, tem uma espécie de «caixa de ferramentas»: células de ambiente, campos e mundos profissionais, actividades sociais. Estas são ferramentas fortes para continuar,

por exemplo, a luta contra a pobreza numa região, para defender a dignidade da pessoa noutra região, para responder a uma necessidade ecológica específica, ou para viver o desafio de uma economia que esteja mais ao serviço do homem, como contou o empresário de Singapura Lawrence Chong, que salientou o quanto o pensamento e a Obra de Chiara são uma profecia para os nossos tempos.

Para sustentar esta vida, para a iluminar, para lhe fornecer as ferramentas que a tornem uma prática pública para todos, é necessário um pensamento, uma elaboração cultural. A Escola não podia deixar de se abrir no que diz respeito às agências culturais da Obra: o Instituto Sophia e o Diálogo com a cultura contemporânea. Portanto, uma escola de método integrado, feito de ideias e de vida, que se tornam um património para todos, criando relacionamentos que geram confiança, escuta, melhoram a vida social. O economista Benedetto Gui contou: «Um tema que eu estudei foi o dos "bens relacionais", bens intangíveis que nascem das relações entre as pessoas, como "a escuta", o reconhecimento, o sentir-se aceites (em vez

Castel Gandolfo, 3 de março. Os participantes na Escola de Humanidade Nova, no evento dedicado ao décimo aniversário da morte de Chiara



de rejeitados), o clima, a atmosfera que se cria num ambiente de trabalho...».

Dois laboratórios participativos: «Palavras para a cidade», com a produção de um «passa-palavra civil» inspirado na cultura da unidade, para partilhar com amigos e concidadãos, e «Membro do território e da comunidade civil», graças à qual foram feitas propostas sobre a participação na vida social, com vista a colocarmo-nos em acção nas nossas regiões.

Foi também graças a estes laboratórios que veio em evidência a «vocaçao civil» que existe dentro de cada um de nós, desenvolvida em várias facetas, e demonstrada na sua beleza também através da colaboração com o Movimento Político para a Unidade. Este demonstrou com factos que, não só é possível, mas é extremamente eficaz viver por uma cidade mais justa, mais coesa e mais fraterna.

O diálogo de vida e o modo de pensar entre pessoas de origens tão diferentes e de locais tão distantes, foi, talvez, o sinal mais verdadeiro da experiência de profunda unidade na diversidade que cada um dos participantes viveu.

Fanny Bava, Luca Moser



Famílias para a sociedade

O «sinal» de um amor maior

250 casais de voluntárias e voluntários para pôr em foco uma dúplice vocação, capaz de trazer frutos dentro e fora da família

«Ternura, afetividade, dimensão sacramental»: são as perspectivas segundo as quais se olhou o matrimónio, no encontro internacional dos casais de voluntários. Foi no Centro Mariápolis de Castel Gandolfo, de 1 a 4 de março, com a participação de cerca de 250 casais, de 14 línguas.

Desejado e pensado pelos dois Centros, numa programação trianual, foi preparado com a colaboração de Famílias Novas, com a intenção de focalizar as duas vocações - aquela pessoal do voluntário e aquela ao matrimónio, recebida como casal -, iluminar as exigências radicais de ambas e quanto essas se reforçam reciprocamente, dando frutos dentro e fora da família, para uma sociedade renovada do Carisma da unidade.

Meditações e reflexões permitiram aos participantes descobrir a complexidade das duas vocações. De facto, o primeiro espaço



onde o voluntário e a voluntária atuam a sua chamada particular na Obra de Maria é a família. Essa adquire profundidade e importância, de modo a significar também um novo caminho de santidade. Uma santidade leiga, moderna, para as multidões, que faz do próprio estado de vida o lugar onde discernir e realizar as escolhas determinantes, capazes de realizar a própria humanidade e a própria chamada a seguir Jesus. As considerações sobre o matrimónio como Sacramento, à luz das indicações contidas na Exortação apostólica *Amoris Laetitia* do Papa Francisco, assim como aquelas sobre a afetividade e sobre a ternura na vida de casal. Ou sobre uma renovada consciência que a família deve assumir perante uma mentalidade consumista



Da esquerda, Gianni e Maria Salerno, responsáveis de Famílias Novas, com Patience Lobe e Paolo Mottironi, responsáveis dos respetivos Centros das e dos Voluntários

muito difundida, evidenciaram a importância social e histórica do instituto familiar, aquela primeira célula fundamental da sociedade e da Igreja.

Maternidade e paternidade responsáveis, educação dos filhos, relação com os parentes, encontro com o sofrimento, escolhas contra a corrente. A abertura dos limites familiares, o acolhimento das neces-

sidades e sofrimento de famílias vizinhas ou conhecidas, entre outras, a disponibilidade a partilhar espaços e tempos com outros voluntários e voluntárias, a oração em comum, na simplicidade do pedido do pão quotidiano, a audácia educativa no dizer «não» ao consumismo e às modas passageiras notaram-se nas experiências, como tabuletas que indicam o possível caminho a percorrer, que muitos na Obra de Maria já cumprem.

má sorte...», «ser-te fiel sempre», «amar-te e honrar-te»..., indicam um caminho que pede a «perda» de si mesmo, o quotidiano esforço de doar-se, habituar-se a perdoar, a arma descarregada da paciência. «Uma nova carícia...» do Espírito Santo selou assim um novo pacto no «honrar» o outro - durante todos os dias que nos restam - como sinal de um amor, que tem como comparação o amor de Jesus e de Maria.

Fica a consciência de uma forte vitalidade ideal e social. Muitos casais presentes animam já grupos de famílias, no próprio território local. E muitos, individualmente ou como casal, trabalham no campo social.

Referindo-nos ao discurso de Chiara, em 1993, «Como a família, assim a sociedade» vemos a graça que, nós voluntários, que devemos construir a comunidade cristã, temos ao começar por aquele próximo que está ao nosso lado, logo de manhã quando acordamos...

Entre as numerosas impressões deixadas: «os relatores falaram do enamoramento, com o brilho nos olhos e o olhar no amado. Pessoas também com muitos anos de matrimónio, manifestaram a realidade mais íntima da sua relação, com franqueza e frescura, diante de uma grande plateia. Também à mesa ou nos encontros de casais era fácil dizerem-se coisas que, sem este clima de profunda comunhão, não sonharíamos nunca manifestar. Este ser como crianças deu-me a confirmação e garantia de Evangelho vivido, de Verdade». «Voltamos para casa "armados" pela experiência que vivemos, não para contar aquilo que nos deram, mas para o testemunhar com a nossa vida».

Patience Lobe, Paolo Mottironi

Um momento solene, particular e vibrante, viveu-se naquela manhã de sábado 3 de março, quando, com uma fila interminável de autocarros, nos dirigimos para o Santuário do Divino Amor, para renovar as promessas matrimoniais. «Na boa e na

«na boa e na

«na boa e na

Voluntárias e voluntários

Uma data a não esquecer

Os Centros das voluntárias e dos voluntários, com a Emmaus Maria Voce e o Jesús Morán, para fazer o ponto da situação sobre as prespetivas e desafios

Na sala da Escola Abbà, no Centro da Obra, os dois Centros dos voluntários e das voluntárias, encontraram-se a 2 de fevereiro com a Emmaus e o Jesús, acompanhados pelos delegados centrais, Friederike Koller e Ángel Bartol. Com simplicidade, partilharam as atividades e as prespetivas dos dois ramos, sem esconder as dificuldades que enfrentam. A Presidente e o Co-presidente, depois de terem escutado atentamente e apreciado o percurso que foi prespetivado, iluminaram alguns aspectos essenciais.

responder concretamente às necessidades de quem está ao nosso lado, mais nos formamos nesta que é a vocação própria da voluntária. Depois, logicamente, virá o encontro de núcleo, que é sem dúvida imprescindível para se nutrirem, mas avançam em conjunto». Sobre a mesma linha, o Jesús acrescentou: «cada voluntário, cada voluntária, seja aquilo que deve ser e portanto [que se possam] ver estas pessoas que vivem o Evangelho e transformam a sociedade».

Foi um encontro que definiremos «histórico», que evidenciou principalmente as potencialidades da vocação das e dos Voluntários de Deus. Nasceu uma consciência muito mais afinada da responsabilidade que lhes compete, para tornar mais eficaz e difusa a encarnação do Carisma.

Eis os desejos do Jesús: «Voluntários ativos, bem formados,

empenhados...» e, a Emmaus acrescentou: «que transformem a sociedade ao redor, juntamente com todos os outros, não sozinhos».

Era o dia da «Candelária», festa litúrgica da apresentação de Jesus ao templo, e o Jesús aproveitou esta circunstância para dizer que cabe aos voluntários e às voluntárias responder a estas expectativas, consumando por amor a vida, como uma vela: «Consuma-se toda a humanidade, consume-se a vida humana, a vida de família, a vida social, todas consumadas em Cristo...». Esta imagem será de grande ajuda para todos.

Patience Lobe, Paolo Mottironi



Em relação à formação, por exemplo, a Emmaus recordou a Duccia Calderari, as primeiras focolarinas e voluntárias de Trento, dizendo: «Talvez não tiveram uma formação regular, mas lançaram-se a viver e, portanto, esta vida do Evangelho tornava-se imediatamente a norma de uma vida nova, também social. A norma de uma vida de relacionamentos diferentes. Relacionamento com os pobres, entre elas, com situações da cidade... Portanto, quanto mais se vive, mais nos formamos, mais se vivem estes relacionamentos também na sociedade, na humanidade que nos circunda. E quanto mais se procura

Construir a comunidade

Uma pastoral do «nós»

530 animadores dos Movimentos Paroquial e Diocesano interrogam-se sobre como dar forma a «comunidades geradoras»

Num seminário, em fevereiro de 2017, cerca de quarenta participantes da Obra tinham começado a procurar extrapolar as linhas de uma pastoral que nasce do Carisma da unidade, com mais 50 anos de presença na Igreja local (v. Mariápolis n. 3-4/17). A um ano de distância, o aprofundamento sobre este tema foi confiado a um congresso para animadores dos movimentos Paroquial e Diocesano, realizado de 15 a 18 de março em Castel Gandolfo. Eram mais de 530 os participantes, dos vários continentes, para se interrogarem sobre como construir «comunidades geradoras» à luz do Carisma da unidade. Queria-se estender a reflexão a quem tem as mãos «na massa».

Interessantes as experiências contadas: 50 anos de presença em Vallo Torinese, com o Movimento paroquial, 40 em Teramo, com o Movimento diocesano (estava presente o bispo Leuzzi, que dará início ao processo de beatificação de um jovem empenhado falecido aos 17 anos, Pietrino Di Natale), 20 anos em Latina...



por isso experiências de comunidade que, no tempo, geraram vida e continuam a fazê-lo.

O vídeo de Chiara sobre «A paixão pela Igreja», deu a marca ao Congresso, no qual de-

pois se foram explicados os temas sobre a formação, desenvolvidos por especialistas. Mons. Giuseppe Petrocchi, arcebispo de Aquila, iluminou a vida das primeiras comunidades cristãs, enquanto o mons. Vincenzo Zani, secretário da Congregação para a Educação católica, evidenciou que temos já o projeto de formação integral: o Carisma, a Obra.

Um vivaz tema sobre o Diálogo forneceu os instrumentos sobre como estabelecer um diálogo na verdade e na caridade, construindo relacionamentos trinitários. Desceu-se depois para as realidades da comunhão com outros Movimentos eclesiais, no diálogo ecuménico e com as pessoas de boa vontade.

Indo ao concreto da pastoral, que nasce do Carisma, as experiências evidenciaram a vida da Palavra que se exprime na «arte de amar», passa pelo amor a Jesus Abandonado, favorecendo a presença de Jesus no meio nas nossas comunidades paroquiais e nas articulações da Igreja local - uma pastoral sob o signo do Nós, «mística» de Jesus no meio. Não faltaram exemplos da incidência na sociedade civil, que confirmam o empenho de levar o Carisma da unidade à humanidade inteira.

*pe. Mariano Frigerio, Sameiro Freitas,
Marco Bartolomei*



Religiosos e Consagradas

Nova criatividade

Cada vez mais em conjunto,
ao serviço das famílias carismáticas na Igreja



«Os religiosos são, na Obra de Maria, um *mais* de eclesialidade. Por outro lado, também a Obra de Maria é um *mais* de eclesialidade para vós, porque é Maria que vos reúne, é Maria que faz com que também vós saiais do vosso espaço eclesial. É esta circularidade, é graças a esta unidade, que somos todos mais Igreja».

A evidência desta observação da Emmaus Maria Voce veio em relevo durante o retiro anual dos 90 Religiosos e das 80 Consagradas aderentes ao Movimento dos Focolares. Provenientes das várias zonas europeias, com a presença da Ásia, África, América do Sul. E ainda mais heterogénias são as suas famílias religiosas de pertença, nascidas de antigos e novos Carismas. No Centro Mariápolis de Castel Gandolfo, de 20 a 23 de fevereiro os religiosos, e de 22 a 25 as religiosas, viveram juntos os dois dias centrais.

Preparado pelos dois Centros para sublinhar o empenho de «caminhar juntos», contudo na distinção, o programa comum favoreceu uma intensa comunhão que permitiu compreender na unidade aqueles passos necessários para desenvolver o Movimento das e dos Religiosos.

Contemplando Maria numa página do Paraíso 49, o pe. Fabio Ciardi abriu uma relação novíssima com Ela, na

compreensão cada vez mais profunda do desígnio a que somos chamados como Obra de Maria.

Os temas tratados envolveram profundamente os presentes. O discurso de Chiara de 1966 sobre a «Paixão pela Igreja» foi verificado de extrema atualidade, e a reflexão de Mons. Giuseppe Petrocchi, arcebispo de Aquila, com o título «Perfil mariano da Igreja e o Carisma da unidade: aspectos pastorais» evidenciou um estilo de vida inerente a cada vocação eclesial.

Falou-se de diálogo ecuménico, com experiências, entre outras, de contatos com religiosos de diversas Igrejas. No âmbito do diálogo interreligioso, evidenciou-se, entre outros, o desejo de um grupo de monges budistas da Tailândia decorrer um período em Loppiano.

Alguns membros do Conselho Geral



religiosos e das religiosas, enriquece-se a Obra, portanto, sintam-no como uma dádiva a fazer à Obra. A Obra torna-se mais rica se existirem mais religiosos e mais religiosas que vivem o Ideal» (Emmaus). «A presença dos religiosos desde o início, também nas "visões" do Paraíso [...] faz impressão, porque há uma

sintonia obviamente que vem do Carisma, aqui está toda a densidade da história da Igreja»(Jesús).

da Obra deram o seu contributo: Pace Nasr e Antonio Borges, introduzindo o tema do ano «Maria e a Palavra»; Renata Simon e Francisco Canzani, aprofundaram «Maria, sede da sabedoria e dona de casa» - segundo a bela definição dada por Chiara Lubich; Gloria Duarte e Tim King, focalizaram o aspecto «social» de Maria que, no Magnificat, indica o caminho e as estratégias para concretizar o «depôs os potentes do trono e exaltou os humildes».

Um caminho de encarnação, segundo o texto de Chiara *Resurreição de Roma* publicado no jornal *La Via*, em 1949, foi traçado por pe. Hubertus Blaumeiser e Anna Maria Rossi.

Vivaz e rica de esperança foi a tarde inteira na qual as e os jovens religiosos falaram do caminho iniciado com encontros e iniciativas feitos juntos.

Mas o cume foi atingido no intenso momento de focolar vivido com a Emmaus e o Jesús. A introduzí-los, a experiência contada por religiosos e consagradas do Norte de Itália, rica pela sua tenacidade evangélica no inserir-se plenamente na Igreja local. Pretexto que permitiu à Presidente e ao Co-presidente exprimirem a sua proximidade, pronunciando com humildade e força: «os religiosos são, na Obra de Maria, um *mais* de eclesialidade». Palavras ecoadas depois como um desafio benéfico: «Se se enriquecem os ramos dos



A Ir. Tiziana Longhitano e o pe. Salvo d'Orto

A Ir. Tiziana Longhitano e o pe. Salvo D'Orto, respetivamente responsáveis das Consagradas e dos Religiosos da Obra de Maria, por fim, chamaram a atenção de todos sobre as perspetivas emergentes. Geral foi o consenso em caminhar sempre juntos, religiosos e consagradas, ao serviço das Famílias carismáticas, incluindo aquelas dos leigos ligados ao Carisma. E oferecer assim, à Igreja, o nosso específico contributo, do Carisma da unidade, oferecendo respostas cada vez mais eclesiais, como já aconteceu eficazmente durante o Ano da vida consagrada, querido pelo Papa Francisco.

Alegria e total disponibilidade para «dilatir o coração» ao serviço de toda a Igreja.

Ir. Tiziana Longhitano, p. Salvo d'Orto

Noivos

O «para sempre» do matrimónio

**Um curso internacional
em Castel Gandolfo para
ultrapassar os desafios**

Coraçõesinhos vermelhos que se realçam nas mesas em formato de par, luzes baixas, música ambiente, menú especial à luz das velas: é o tradicional jantar romântico, parte integrante do curso para noivos, que terminou a 28 de janeiro no Centro Mariápolis de Castel Gandolfo. O serviço foi garantido pelos casais animadores, pelos especialistas e pelos sacerdotes que conduziram o programa, envergando aventais muito bonitos para animar a festa.

Os 65 casais que frequentaram este original curso internacional de preparação para o matrimónio vêm de nove Países europeus e de três da Ásia. Assim como da Síria.

Nos primeiros três dias trabalhou-se arduamente. Enfrentaram-se, um a um, os desafios típicos que se apresentam hoje aos noivos de todas as latitudes: medo da escolha definitiva, dúvidas de não se conseguir com o passar do tempo, precaridade dos empregos, habitações distantes, diversidade de culturas e de fé, difi-



culdade na gestão dos relacionamentos com as famílias de origem. etc. E este jantar, aparentemente só «romântico», reveste-se de muitos significados. É o momento em que, depois de se ter refletido à luz das diversas comunicações temáticas, dos workshops com a orientação de especialistas, dos diálogos com as testemunhas, os casais, na atmosfera típica dos enamorados, podem oferecer um ao outro aquilo que de mais profundo têm no coração. E, à luz dos conhecimentos adquiridos, «re-escolherem-se» como pessoas, pronunciando um novo pacto a dois, baseado naquele amor que Jesus trouxe à Terra. Um amor – e nestes dias os jovens perceberam-no bem – sem medidas, o único capaz de saciar as exigências mais profundas de cada casal do mundo. É um pacto que, e eles sabem bem, deverá ser renovado todos os dias, mesmo depois de casados, como todos os dias cada um deles deverá certificar-se se está pessoalmente ligado à fonte divina deste novo tipo de amor.



Ao ver a emoção com que os casais, vestidos a rigor, se instalaram nas mesas, dêmo-nos conta de quanto levaram a sério este jantar. Com efeito, vimo-los a procurar a sintonia certa para iniciar – coisa nova para muitos deles – um diálogo não só afetivo ou sentimental, mas também espiritual: uma comunhão das suas almas. Mesmo sabendo que nem todos, ao menos por agora, podem contar com uma fé cristã partilhada. Com efeito, se vários casais são compostos por gen ou por jovens do Movimento, há outros onde um dos elementos se declara não crente ou agnóstico. No entanto vieram todos a este curso com uma surpreendente disposição, abertura e escuta e, levados pelo amor do outro, vimo-los fortemene motivados

para investirem no sacramento do matrimónio. Foi de tal forma que tivemos a clara percepção que cada um dos participantes – especialmente no colóquio pessoal, que todos os casais tiveram com algum de nós, como parte integrante do curso – foi chamado por Deus a este encontro.



Nas várias conversas que se tiveram, os participantes tomaram consciência da beleza e da importância do «para sempre» do matrimónio cristão, apoiados pelas experiências de casais jovens e maduros. Uma surpresa para muitos, que diziam: «Quão precioso e encorajador é ver casais felizes e casados há mais de 30 anos!». As histórias de quem já percorreu uma parte do caminho serviram para um diálogo entre os noivos, pondo as bases para construir cada vez mais o «nós» do casal e para se abrirem a outros casais e levarem

a riqueza da sua experiência e cultura.

Também neste curso vimos Deus a atuar na Sua Obra.

Maria e Gianni Salerno com a secretaria de Famílias Novas



Aderentes

A revolução do «Magnificat»

Estavam 1300 nos Congressos em Castel Gandolfo, de vários países onde o Ideal da unidade plantou as suas raízes

A internacionalidade dos participantes, diferentes em idade e empenho na Obra, fez realçar a beleza do único carisma que une indiscriminadamente, e a riqueza da diversidade das Comunidades locais, que refletem a especificidade de cada povo.

Na sua mensagem de boas vindas aos dois Congressos em Castel Gandolfo (de 12 a 14 janeiro e de 22 a 24 de março), a Emmaus anunciou que aqueles dias permitiriam conhecer Maria em profundidade, graças à compreensão que Chiara Lubich teve dela. «Podem – escreveu a Emmaus – descobri-la nas suas prerrogativas mais excelsas, mas também como a cristã perfeita, como Aquela que está “toda revestida da Palavra de Deus” e é modelo para nós vivermos plenamente o Evangelho, no nosso quotidiano e em todas as fases da vida».

Efetivamente, no clima de simplicidade, de liberdade e de plena partilha, muitos encontraram ou reencontraram a esperança e a coragem para avançar na vida do Evangelho nas alegrias, nas dores e nas fadigas de cada dia. Nisto foram ajudados pela comunicação de Lucia Abignente, que realçou algumas passagens da vida dos primeiros tempos do Movimento, impregnadas da vida do Evangelho, e pelas experiências fortes e incisivas que foram contadas e tiveram um efeito «transformador».

Para citar algumas, basta pensar na de um aderente, que passou pelo túnel da droga, caiu e tornou a cair e cuja procura de um sentido para a vida o levou até à Índia. Degradado física e moralmente, foi acolhido por uma família que, muito simplesmente, o amou. Vê a autenticidade, fica fascinado, casa com a companhia de juventude, acabada de sair da

prisão, e têm duas filhas, uma delas adotada. Descobre que aquela família que o acolheu faz parte de um povo renovado pelo Evangelho que se chama «Obra de Maria». Estar com eles deu-lhe força para superar provas ainda mais duras, como o



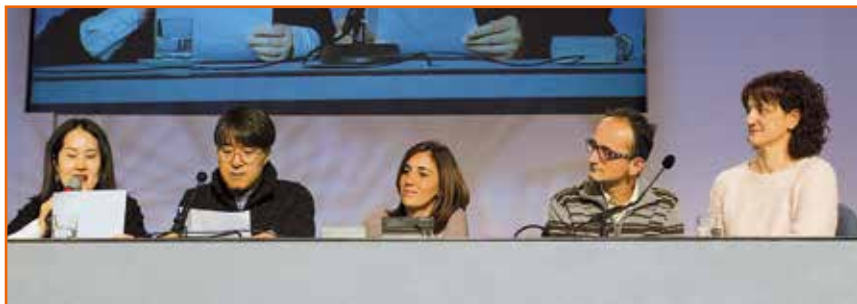
abandono da mulher. Ajudou-o a perdô-la e a estar ao seu lado no momento da doença e da morte. Tinha feito esta oração a Maria: «Faz de mim um instrumento para a sua redenção!».

Ou a experiência de quem empreendeu, às suas custas, uma viagem ao Brasil para filmar a experiência de um grupo de consagrados que transformam a vida dos marginalizados de uma favela. Ou ainda as experiências daqueles casais que já passaram por muita coisa, referentes a situações que não têm solução fácil.



Também uma jovem do Burundi oferece a sua experiência vivida num contexto de guerra, pobreza, de repetidas crises políticas do seu País. «Este Ideal – conta – trouxe-me a luz que me faltava. Viver a vontade de Deus, como Maria fez, dá-me coragem para avançar e para acreditar no amor de Deus, também nos momentos difíceis».

A mensagem da Emmaus continuava, dizendo que «O canto do "Magnificat" é uma "magna charta" do agir social, que



nos encoraja a agir para que se atue a revolução evangélica também através de nós no mundo de hoje». Como concretização – entre outras – foi apresentado, com experiências incisivas, o projeto de uma economia nova, a Economia de Comunhão.

«Aceitemos sem medo aquilo que

Deus nos pedir durante o ano e vamos em frente com coragem a colocar em prática a Palavra de Vida, acompanhados por esta Mãe», concluía a Emmaus. Como resposta, os participantes disseram: «Partimos daqui com uma luz nova e um desejo de viver o que Maria nos sugere: "Fazei aquilo que Ele vos disser"». Um deles, que veio pela primeira vez, disse: «Encontrei

um relacionamento pessoal com Chiara. Ela mesma falou-nos ao coração». E outro: «Com 65 anos e já reformado, estou a fazer as descobertas mais belas da minha vida».

Incrementar a participação nestes congressos para aderentes e repeti-los nas várias regiões do mundo, é um desejo, sobretudo em relação aos jovens, dada a riqueza de formação que representam para os membros das Comunidades locais.

Gloria Duarte, Tim King

Procurar os lugares de fronteira

Um novo focolar em Iași, na Roménia

Em Iași, uma cidade antiga da Roménia, situa-se a mais antiga universidade do País. Fundada em 1407, orgulha-se de ter cerca de cem igrejas ortodoxas de grande beleza e uma vida cultural e artística muito animada. O sonho de abrir um focolar ali existia há muito tempo nos nossos corações.

Deus surpreendeu-nos neste décimo aniversário do nascimento de Chiara no Céu, fazendo-nos viver "um milagre de amor". A abertura do focolar, no dia 13 de janeiro, foi uma alegria imensa. A Emmaus indicou-nos o programa através de uma mensagem que, entre outras coisas, diz: «Uno-me a todos vocês para agradecer a Deus pelo "sonho que se realiza", pela nova etapa que o Movimento dos Focolares inicia na Roménia, enriquecendo as vossas comunidades com um coração que transborda de sabedoria e calor. [...] Que no focolar a presença de Maria seja sempre viva e irradie, por toda a parte, a luz para viver "assim na Terra como no Céu", são os meus votos».

Foram as novas gerações e as suas nu-

Na Missa da inauguração do focolar, estiveram presentes a Chiara Cuneo e o Redi Stefancic (ao centro), delegados da Europa de Leste



13 de janeiro de 2018. As experiências dos jovens na inauguração do focolar de Iași

meras participações nas nossas manifestações que nos fizeram compreender que a «nova configuração» nos pedia não tanto uma deslocação ou um encerramento dos focolares, mas uma nova distribuição de forças, pensando no que podia representar para nós uma periferia, um lugar de fronteira. E identificámo-la nesta cidade, no nordeste do País, onde se vai muito poucas vezes e com muitas dificuldades, mas em que, apesar de tudo, o Ideal se difundiu, com uma grande presença de jovens.

Um pouco de história. Nos anos '70, alguns religiosos, religiosas e sacerdotes da Igreja Ortodoxa romana, usufruindo das bolsas do Ostkircheninstitut de Regensburg, entraram em contacto com o Movimento dos Focolares, na Alemanha. Um facto providencial que permitiu a entrada na Roménia daquela que é conside-



rada como uma corrente renovadora de espiritualidade profunda, ainda antes de os focolarinos terem podido fazer qualquer viagem àquele País.

O primeiro a conhecer alguma coisa do Movimento foi o Bispo Marton Aron, que agora é Servo de Deus, da Igreja Católica Romana. Tendo ido a Roma, logo após o Concílio Vaticano II, deparou-se com pessoas que viviam a unidade segundo o carisma de Chiara Lubich, e exclamou: «A partir de agora vou rezar para que este "vírus" contamine e se difunda na Roménia».

Apesar do controlo da ditadura comunista, este ideal evangélico propagou-se, de pessoa para pessoa. Alguns anos depois da queda do regime, em dezembro de 1989, chegou às várias regiões da Roménia e, a partir de 1992, chegou também às que confinavam com a República da Moldávia. Aqui, o sacerdote Anton Cosa, que depois foi nomeado Bispo, como um verdadeiro missionário, alimentou a fé e com ela a vida do Ideal da unidade, fazendo renascer a Igreja a partir do zero. Na Moldávia, realizam-se, a partir de 2001, Mariápolis em língua romeana e russa.

O novo focolar de Iași foi benzido por dois Bispos locais, D. Petru Gherghel e D. Aurel Perca, juntamente com o Bispo D. Anton Coșa di Chișinău, com os votos de que se «continue a cantar o *Magnificat*». As três focolarinas que dele fazem parte: Maria Butacu (Roménia), Dolores dos Santos – Uni (Brasil) e Marianna Gyöngyi (Hungria) chegaram lá preparadas por Deus de um modo especial.

Para Maria era um sonho desejado há anos: «Depois de ter vivido 15 anos no focolar de Cluj e quase 3 anos em Bucareste, agora estou muito feliz por Lhe poder dar vida entre nós, no novo focolar, e poder levar o fogo do Ideal, nesta parte da Obra».

Marianna: «Quando disse a Jesus o meu desejo de me dar toda a Ele, compreendi que o ser Maria está intimamente ligado à vida de Jesus Abandonado. O fruto é a propagação da unidade em todo o mundo. No ano de Maria, parece-me que, para mim, a coisa mais bonita é levar a sua presença ao Leste da Roménia e à República da Moldávia».

Dolores – Uni: «Estive na Itália, no Centro Mariápolis, durante 13 anos. Gostava de ir para um lugar onde se abrisse um focolar, para começar do nada, como no primeiro focolar de Chiara, sem pensar no local, no clima, na língua nova a aprender. Para mim foi isso!».



A partir da direita, a Marianna, a Maria e a Uni na segunda fila, do focolar de Iași

Antes da abertura oficial, elas deslocaram-se lá várias vezes. A neve e o frio não as fizeram desistir, como Maria que procurava a casa onde Jesus pudesse nascer. O apartamento tinha de ser mobilado e a providência interveio nos modos mais impensados. A prenda mais bonita foi a de um gen 3 que trouxe ao focolar as suas poupanças!

Contam com alegria: «Muitas vezes ouvimos as pessoas do Movimento e as pessoas da Igreja local dizer: "Que bom que vocês vieram, precisamos de vocês!". Nós pensamos que sermos todos protagonistas é a atitude mais bonita. Se vivermos o amor entre nós, se o vivermos todos juntos, de certeza que Deus vai responder, abrindo-nos novos caminhos para o "Ut Ommnes"».

Marta Andro, Bodnar Sandor

Quando a paz se torna contagiosa

O empenho das crianças envolve os amigos, os pais, comunidades locais, apaixonando também os gen5

«Não há paz na Terra porque não conhecem o amor [...] Vocês gen4, que sabem fazer atos de amor, devem [...] levar assim o amor ao mundo e haverá paz». Em 1996, Chiara Lubich, com estas palavras, encorajou os gen4 a serem construtores de paz. É um desafio que eles continuam a tornar realidade em todas as latitudes. Assim, receberam com entusiasmo e sentiram que lhes era dirigido o recente convite do Papa Francisco para viverem e rezarem pela paz. Todos os dias lançam o «dado do amor» e vivem o que este sugere. «Aos Sábados, na escola – conta Urielle do **Congo** – costumamos lavar o chão. Um dia, ninguém queria fazê-lo. Lembrei-me: “ser o primeiro a amar”. Agarrei no balde e comecei. Uma a uma as minhas companheiras vieram ajudar e trabalhamos juntas». «Na minha turma – diz Noemi da **Sérvia** – uma



minha companheira, que todos os dias compra o lanche, uma vez não encontrou nada que lhe agradasse. Percebi que naquele dia ela não ia comer. Eu tinha levado gressinos. Com algumas amigas fomos ter com ela e cada uma deu-lhe um pouco do seu lanche».

Em Bujumbura (**Burundi**) os gen4 tiveram a possibilidade de contar as suas experiências na Rádio Maria. Ajudados por uma jornalista, falaram do «dado» e da Palavra de vida que põem em prática. Receberam muitos ecos positivos. No **Brasil** para difundir a sua mensagem, inventaram um concurso de canções gen4. Ajudados por um júri de especialistas, escolheram doze canções, que foram gravadas num cd com as vozes dos gen4 e de alguns gen3. Muitas destas crianças viviam situações dolorosas, mas deram muito amor. O proprietário do estúdio de gravação fez-lhes um desconto, tocado pela alegria que transmitiam.

Para além do «dado do amor», os gen4 também têm o «dado da paz», que tem uma face especial: convida a perdoar. «Um dia estava a jogar com as minhas amigas – conta a Josiane do **Congo** – quando o meu irmão me pediu para lhe ir comprar uma coisa. Não queria ir e ele bateu-me, magoando-me num olho. Graças ao “dado” aprendi a amar também os ini-



Os gen4 brasileiros com o seu CD

migos, tive coragem para perdoar o meu irmão e voltámos a ser amigos».

Acreditar que a paz é possível significa também pedir ao Céu a dádiva dessa paz, envolvendo até os mais pequenos. «Na semana passada – escrevem de **Roma** (Itália) – alguns gen4, ajudados pelos gen3 e pelos gen2, apresentaram aos gen5 um relógio, sublinhando que em todos os momentos do dia se pode amar e ... quando é meio dia é a hora do time out, um minuto de oração pela paz». Alguns dias depois o Felicitas, de dois anos, juntamente com os pais, escolheu como tema da festa de anos na creche, precisamente a paz. Ajudado pelos avós preparou um «dado» para cada colega e um dado gigante para a professora lançar todas as manhãs. Muitas mães ficaram felicíssimas.



Na Irlanda varrem um parque

Na **Sicília** várias comunidades locais estão envolvidas na formação dos gen4 e das gen4, procuram trabalhar «como um só corpo», com a presença de Jesus entre todos. «Vão para a frente assim! – escreveu-lhes a Emmaus Maria Voce – Recordo na oração todos os que se puseram à disposição para esta colaboração importante e peço para cada um a felicidade de ver Jesus nascer e crescer em cada gen4 e gen5 que vos foi confiado».

Maria em língua kirundi

Acabou de ser publicado no Burundi o livro *Era lindíssima*, dedicado a Maria e traduzido na língua kirundi. Isto foi possível graças à ajuda do Conselho episcopal para os leigos. Para muitos dos gen4 será o seu primeiro livro. Com o dinheiro das vendas queremos fazer outro, para pintar.



Para as comunidades locais, levar a paz significa também entrar, ao lado dos gen4, nas fraturas das nossas cidades, onde a marginalização é mais forte. Nas **Filipinas** os gen4 receberam muitos presentes e, acompanhados por alguns adultos, ofereceram-nos às crianças de um bairro pobre. «Já há três anos que vamos ao campo Rom – escrevem de Pistoia (Itália) – e este ano, pela primeira vez, propusémos que fizéssem com os gen4 as estatuetas do Menino Jesus que, durante uma festa, distribuímos às famílias do campo. Pequenos passos para levar a paz a um ambiente de pobreza extrema, sensível ao amor».

Anna Lisa Innocenti com os centros Gen4



Nas Filipinas, com as crianças de um bairro degradado

Together for a new Africa

(Juntos por uma África nova)

Uma *leadership* responsável e ativa

Perante os desafios que o Continente está a viver, um grupo de estudantes do Instituto Universitário Sophia, de 12 Países da África, sentiram-se chamados a dar o seu próprio contributo

«Cabe a nós, novas gerações, pensar na África que queremos e como a queremos construir. Todos sonhamos com uma África nova, feita de paz e de prosperidade». Para realizar este sonho, estes jovens, apoiados pelo Instituto Universitário Sophia, pelo Centro Internacional do Mppu

mais de 100 jovens da África de Leste (7 países), com um programa de formação que terá a duração de 3 anos.

No Centro Mariápolis Piero, em Nairobi, participaram neste encontro cerca

de 30 professores e tutores provenientes dos Países da África de Leste e do Instituto Sophia. Comprometeram-se, com generosidade e coragem, a ser exemplos credíveis, mestres de uma *leadership* (liderança) participativa e responsável.

Sobretudo aceitaram acompanhar voluntariamente os jovens que vão participar neste programa, ao longo deste percurso de formação, e apoiá-los também nas diversas iniciativas nacionais que hão-de vir a promover, tendo em vista uma cidadania activa e responsável.



(Movimento Político para a Unidade) e pelo Movimento dos Focolares da África Oriental e da República Democrática do Congo, deram o primeiro passo, no início de janeiro de 2018, em Nairobi, onde se realizou um seminário de formação para os tutores e os docentes que vão acompanhar

A "aterragem" do projecto no continente podia sentir-se nos corredores do Centro Mariápolis Piero, onde os participantes afirmavam que: «agora já não é só um projecto destes jovens, mas de todos nós e, por isso, sentimos que até o seu nome deve mudar de "Come back to Africa" para "Together for a New Africa" ("Voltar a África" para "Juntos por uma Nova África"). A partir de hoje queremos caminhar juntos para promover uma nova *leadership*, sobretudo na formação das novas gerações».

Trata-se de uma geração que vai ditar normas políticas

e sociais, vai influenciar os modelos de governo, adotando ou rejeitando ideologias extremistas, corrupção, políticas de direitos humanos, etc.. Esta é uma geração que poderá transformar regiões inteiras, tornando-as mais prósperas, mais justas e mais seguras. Ou poderá ser a causa de instabilidade e violência múltipla. Ou ambas as coisas.

O futuro deste projecto, já plenamente estabelecido na África de Leste, são os próprios jovens (apoiados pelos tutores e pelos professores) que o têm em mãos. Para a sua sustentabilidade estão à procura de várias instituições (a UNESCO e outras organizações) para trabalhar em conjunto e os resultados são

promissores. Estão já a organizar as próximas escolas, que envolverão mais de 100 jovens dos Países da África de Leste, para três encontros regionais, com diversas actividades locais promovidas pelos próprios jovens, num projecto de três anos.

O seu empenho e determinação parte da experiência vivida na Universidade Sophia, experiência que encontraram também em leaders africanos, como Mandela, que dizia: «Tive em consideração o ideal de uma sociedade livre e democrática em que toda a gente pudessem viver em harmonia e com igualdade de oportunidades. É um ideal para o qual espero viver e que espero realizar. Mas se for necessário, é um



ideal pelo qual estou pronto a morrer».

É a partir deste ponto de vista que se pode ler o que eles estão a promover, dando tudo o que têm por este sonho. E é só com a realização deste sonho que se poderá ler o mundo a partir da África nos próximos anos.

dr. Melchior Nsavyimand¹

¹ Project Coordinator "Together for a new Africa". Coordinator, Institute For Regional Integration and Development. The Catholic University of Eastern Africa – Nairobi, Quênia



Loppiano, cidade de diálogo

O Prémio *Renata Borlone* a um homem de paz

Atribuiu-se ao astrofísico palestino Suleiman Baraka o reconhecimento dedicado a Renata Borlone, no 28º ano do seu nascimento para o Céu



O reconhecimento é conferido a investigadores em pesquisa científica cultivada como um instrumento de paz e harmonia entre os povos. Era este o sonho da jovem Renata na procura da verdade, apagado depois com a descoberta de Deus amor, quando encontrou o Ideal em maio de 1949. «Um evento para além de todas as expectativas... onde se sentiu o Espírito Santo a atuar em todos nós» – afirmou o prof. Piero Benvenuti, delegado do card. G. Ravasi, presidente do Conselho Pontifício da Cultura, por ocasião da IV edição do Prémio «Renata Borlone, mulher em diálogo», a 25 de fevereiro.

Promovido pelo Centro Cultural Renata Borlone, em colaboração com o Instituto Universitário Sophia, o prémio, nas edições precedentes foi conferido ao prof. Ugo Amaldi, físico do Cern de Genebra (2006), ao prof. Piero Benvenuti, secretário da União astronómica internacional (2013), à dr.ª Fabiola Gianotti, diretora do Cern de Genebra (2015). Este ano calhou ao astrofísico de origem

palestina Suleiman Baraka que, no drama da morte do filho num raid aéreo, orientou a sua paixão pela ciência em favor da paz. É o que consta da motivação lida pelo prof. Sergio Rondinara e está expressa plasticamente pelo escultor chinês Lau Hung: um grupo de jovens que, para além do medo, contemplam a beleza do céu com os telescópios que o prof. Baraka conseguiu fazer chegar a Gaza city. Entre as personalidades presentes estavam o presidente da Câmara de Incisa e Figline Valdarno, Giulia Mugnai; o assessor para a cultura de Civitavecchia, Vincenzo d'Antò, acompanhado por uma numerosa delegação da cidade natal de Renata e por dois jovens vencedores da bolsa de estudo com o seu nome. Estavam também dois representantes da embaixada da Palestina em Roma.

O desejo da Emmaus, comunicado numa mensagem ao prof. Baraka: «que o carisma da unidade o encoraje a continuar a viver pela fraternidade universal» foi confirmado pelo professor que, ao sair, disse: «o prémio mais importante foi o maravilhoso povo que encontrei aqui... Foi uma experiência para a vida».

Para concluir, a Missa celebrada numa Theotokos repleta de amigos da Renata, vindos de muitas cidades e presidida pelo mons. Meini, bispo de Fiesole, pareceu uma etapa da preparação da vinda do Papa Francisco no próximo 10 de maio.

Lida Ciccarelli, Valerio Cipri

Em Friburgo

A escola de espiritualidade de comunhão

Três dias de formação para seminaristas e agentes pastorais leigos da Suíça francófona

«La spiritualité de communion: fondements et expériences» (A espiritualidade de comunhão: fundamentos e experiências) foi o título da sessão que, de 5 a 7 de fevereiro, reuniu em Friburgo cerca de sessenta pessoas. O convite feito a Giovanna e Michel (focolarinos, teólogos) para organizar os conteúdos, partiu do «Centre catholique romand de formations en Eglise» que planifica e trata da formação dos seminaristas e dos agentes pastorais leigos da Suíça francófona. Levados pelo empenho ecumênico renovado assumido com a «Declaração de Ottmaring», (cf. *Mariápolis* n. 3-4/2017), envolvemos neste projeto o pastor Martin Hoegger, voluntário de Deus e teólogo da Igreja reformada de Lausana.

A «medalha», entregue como símbolo aos participantes, tinha escrito num lado «unidade» e no verso «Jesus Abandonado», e a espessura era composta pelas palavras do Evangelho, resumidas no «mandamento novo de Jesus». Três temas que foram aprofundados do ponto de vista da teologia bíblica e da dogmática e no pensamento e experiência de Chiara Lubich. Uma pluralidade de olhares, ricos e fecundos, fruto de um longo e intenso trabalho de preparação entre nós os três. Com efeito, o reitor do seminário sublinhou que não só se falou de ecumenismo, mas viveu-se.

Durante as tardes, testemunhos fortes de pessoas do Movimento dos Focolares que levavam as lições das manhãs ao concreto da vida quotidiana.

A sessão tinha uma vertente prática para além de académica. Assim, todos os dias se punha em prática uma Palavra da Escritura, fazendo depois o exercício de comunicar as experiências. Não faltaram momentos de reflexão pessoal com Deus, de partilha em pequenos grupos e todos juntos. Uma tarde foi dedicada à celebração eucarística, seguida de um jantar fraterno com jogos animados por um grupo de Montet. Muitos foram os frutos, assim como a alegria.

A impressão é de ter tido a graça, conduzidos pelas circunstâncias, de criar um «protótipo» para colocar a espiritualidade da unidade ao serviço da Igreja, combinando vida e pensamento, reflexão teórica e empenho pessoal, oração e diálogo. Uma fórmula de sucesso.

*Martin Hoegger, Giovanna Porrino,
Michel Vandeleene*



Venezuela

Apesar da Escuridão

No País que ficou "de joelhos" por causa da grave crise política e social dos últimos anos, a luz do Ideal entra e forma cidadãos e comunidades.

A começar pelas novas gerações



«Podemos mesmo afirmar que vivemos num inferno, mas somos chamados a viver o Paraíso já nesta Terra e a levar a luz para iluminar a escuridão. Foi o encontro mais maravilhoso e mais íntimo que vivi desde que conheci o Ideal». Foi este o sentimento expresso por muitos dos participantes na terceira edição da Escola de Formação, que se realizou na Venezuela, no passado mês de fevereiro. Estiveram presentes 250 pessoas.

Luz, comunhão, profundidade, calor de Jesus no meio, alegria, experiência de «focolar», foram algumas das expressões que

definiram estas Escolas, onde tudo foi motivo de formação.

Escolas e não apenas escola, porque de facto se tratou de uma edição especial, diferente das dos anos anteriores, em que se reuniram simultaneamente seis comunidades locais, indo ao encontro das dificuldades

económicas e das mudanças de residência actuais. Juntámos no Centro Mariápolis «la Nuvoletta» as Comunidades de: Merida (Andes Venezuelanos); Península de Paraguaná (Estado de Falcón); Valencia (Estado de Carabobo); Puerto Ayacucho (Estado da Amazónia); Maracaibo (Estado Zulia) e Gran Caracas.

Começámos, dizendo a Maria que nos queríamos deixar surpreender por Ela. Entusiasmava-nos o facto de ser uma experiência colectiva!

Elaborar o programa em conjunto com as





comunidades foi uma dádiva de reciprocidade; toda a gente se colocou a viver, em primeira fila. Focado nas vocações da Obra, dirigiu-se às novas gerações, característica de todas as escolas, também pela significativa presença de jovens, adolescentes e crianças. A força das experiências dos gen4, gen3 e gen2 com que cada realidade se apresentava, e o penetrar na visão de Chiara fizeram com que um adulto tivesse dito: «Agora percebo que os gen não são "uma pequena coisa". São um desígnio de Deus e nunca deixarão de existir».

Uma característica de algumas escolas, que enriqueceu a realidade juvenil, foi também a presença dos gens. Com as suas experiências, mostraram

o que pode acontecer num seminário, quando se vive o Ideal.

O vídeo de Chiara, sobre a terceira lição do Paraíso de 49 aos gen, gerou um exame e uma tomada de consciência, assim como a convicção de que na vida o que vale é amar. Os frutos que o Paraíso suscita nas almas, saciando a sua sede e ensinando a viver, são para nós uma confirmação de tudo o que nos é pedido hoje.

Cada dificuldade foi uma oportunidade que gerou muita comunhão - até de bens - realizando-se o milagre da «multiplicação dos pães e dos peixes» que, muito significativamente, naqueles dias, se ouvia no Evangelho. Apesar da precariedade da vida, o amor contagia. O padeiro do local em que nos encontrávamos

ofereceu o pão durante cinco dias. No Carnaval, ofereceu pãezinhos doces. Foi comovente a experiência do Juan: a camioneta com que presta o serviço de táxi tinha avariado. Tivemos conhecimento da sua intenção de se aventurar a ir para a selva para arranjar algum «biscate» que lhe permitisse juntar algum dinheiro e recuperar a sua «fonte de trabalho». Lembrámo-nos de uma "providência" destinada a custear bens de primeira necessidade e oferecemos-lha. Comovido, disse: «Hoje tinha pensado deixar a Elsa e os filhos (gen) no encontro e depois organizar a ida para a selva. Não, disse para comigo, antes de tudo o Reino de Deus, o resto chegará por acréscimo. É impressionante a Sua resposta imediata!».

Roberta Munegato, Marquinho Barbosa



Comunidades Locais no Brasil

Uma injeção de coragem

Pela primeira vez, juntos, os representantes das numerosas e muito vivas comunidades locais da Zona única brasileira

Nas três Cidades brasileiras («Glória», em Belém, «Ginetta, em S. Paulo e «Santa Maria, no Recife) realizaram-se, em janeiro e fevereiro, três encontros com cerca de 700 representantes e animadores das Comunidades Locais da Zona. A presença dos Conselheiros do Centro da Obra para o aspecto da Irradiação e do Apostolado transmitiu também a realidade das Comunidades Locais no mundo.

As «lições» de Chiara aos gen sobre a experiência de luz chamada de Paraíso de 49, introduzida pela Vera Araújo, criaram um clima de sobrenatural intenso, fazendo

Para uma maior «irradiação»

A denominação de «Comunidades Locais» veio em relevo quando Chiara Lubich reviu os Estatutos Gerais do Movimento dos Focolares, no início do ano 2000. O artigo que se lhes refere está descrito na parte que diz respeito à Irradiação e Apostolado, que diz: «São, em si, pela mútua caridade que as anima, um ponto de unidade da Obra na região e um meio eficaz de irradiação do Evangelho». São, por isso, expressões da união que deve existir entre todos os membros, que os faz ser uma família - família de Deus, família de Chiara - num determinado lugar.

Em 2014, a Emmaus escreveu: «A Comunidade Local não pode ser entendida como uma estrutura ou uma estratégia para as exigências da "nova configuração", mas deve ser vista como uma redescoberta da vocação da Obra Una, um ponto de convergência das várias vocações para uma irradiação cada vez maior do Evangelho vivido e da dádiva do Ideal, como é descrita na experiência de fundação da primeira comunidade de Trento».

com que os participantes fizessem uma experiência de comunhão com Deus e com Chiara. Reforçou-se a certeza de que, juntos, com Jesus no meio, seremos capazes de seguir em frente com coragem e determinação, tendo sempre como meta o «que todos sejam um».



Depois da unificação da Zona, foram estes os primeiros encontros das numerosas Comunidades Locais de todo o Brasil. Partilhar as alegrias e os desafios foi uma verdadeira injeção de coragem.

As experiências mostraram como até pequenos actos de amor podem gerar frutos, não só dentro da Obra, mas também, através de acções concretas, na Igreja e na sociedade.

Em **Ananindeua** (zoneta de Belém), a comunidade convidou os vários Departamentos do Município para a inauguração do Complexo Desportivo Chiara Lubich. Foram apresentados o «Dado do Amor» e o «Projecto pela Paz», que será adoptado inicialmente por quatro escolas municipais. O Presidente da Câmara desta cidade, que é caracterizada por um clima de grande violência, depois de ter desejado que «a figura de Chiara Lubich nunca seja esquecida» e que «a paz e a



unidade sejam cada vez mais construídas», lançou, com as crianças presentes, o grande dado do amor, rotativo, situado num ponto central da praça.

Uma pessoa da comunidade que, por motivos de saúde, foi morar para uma localidade situada no meio da Amazônia, onde não havia ninguém que conhecesse o Ideal, com o amor e o "fazer-se um", começou por reunir algumas crianças, a seguir chegou a vez dos jovens, dos adultos e por fim a das famílias. Partilhando com eles o Ideal, conseguiu mesmo

realizar, numa aldeia próxima, muito necessitada, uma acção do «Projecto Amazônia»

Em **Goiânia** (zoneta de Brasília) a comunidade, juntamente com dois consultores empresariais do Movimento, está a trabalhar afincadamente para receber muitos migrantes haitianos que se encontram neste lugar. Foi elaborado um projecto, chamado «Preparando-se para o mercado de trabalho», que tem por objectivo a sua inserção profissional no Brasil, assim como, naturalmente, responder às necessidades essenciais de sustento, habitação, transporte, estudo, apoio psicológico, legal, etc.. O projecto foi acolhido não só pela Igreja Católica, mas também pelas Igrejas Metodista, Evangélica e Ortodoxa



e também por grupos espíritas e outras correntes.

A experiência, contada durante o Encontro Nacional da Rede de Protecção aos Refugiados, Migrantes e Apátridas, foi considerada «pioneira no Brasil», pela senhora Rosita Milesi, Directora do Instituto para as Migrações e os Direitos Humanos. Graças a este projecto, apoiado também por profissionais que põem à disposição a sua própria competência de modo voluntário, os irmãos haitianos crescem em dignidade e auto-estima.

Na zoneta de **São Paulo** as comunidades locais são cerca de 70. Desde há alguns anos, as mais amadurecidas juntaram-se às menos desenvolvidas e que se situam perto, a fim de as acompanharem e ajudarem no seu crescimento. São muitas as comunidades paroquiais que conhecem o carisma da unidade. Algumas catequistas participaram no encontro das assistentes gen4 para obterem formação e aprenderem a dar a conhecer o Ideal às crianças que lhes estão confiadas.

Em Itu, a seguir ao encontro, alguns responsáveis das comunidades locais sentiram o desejo de realizar encontros para casais jovens, o que se tornou fonte de luz e coragem para muitos deles.

De regresso do Brasil

A Glória Duarte, Conselheira da Obra para o aspecto da Irradiação, conta: «As experiências das Comunidades foram muito profundas: desde Recife e Petrolina - de quem perdeu e de quem ganhou o focolar - a comunidades que se destacam por realizar actividades com crianças ou que têm os jovens como protagonistas; ou as «novas» comunidades, cheias de entusiasmo, e aquelas que aceitaram o desafio da «novidade» com empenho e maturidade.

Numa região do Norte, 242 internos, internas e aderentes, juntamente com os focolarinos, visitaram 58 comunidades, tendo estado com 2600 pessoas (540, pela primeira vez) e 6 Bispos. Além dos muitos momentos de diálogo, foi dado lugar à Cidade Nova, aos jovens e à Conferência telefónica CH. Foi uma oportunidade de formação na Obra "para lá das vocações", e todos se sentiram mais enriquecidos, com uma nova dimensão da vida em comunidade. Para além dos desafios que existem em muitas frentes, existe fermento, o poder do Carisma é palpável e sente-se que Chiara "está a trabalhar!".

Em **Baurú**, os membros das 12 comunidades desta região, que não puderam participar, foram postos ao corrente do que se passou no encontro. Depois disso, um jovem manifestou a vontade de se encontrar, na Páscoa, com os possíveis focolarinos.

Os representantes da comunidade de **Rio Grande do Sul**, disseram: «regressámos transformados pela forte experiência de unidade que se viveu. Depois de nos ter sido dado o Paraíso de 49 não queremos sair de lá, mas, com os nossos focolares, queremos ficar onde

estamos, sendo guardiões da chama para, juntos, alcançarmos o "Ut Omnes».

A Comunidade local de **Recife** - sem dúvida a mais antiga do Brasil - deu um salto de qualidade por causa da mudança do focolar para Petrolina («Sertão» de Pernambuco). Isso permitiu que se tornasse numa comunidade mais viva, na qual todas as realidades da Obra contribuem, juntas, para desenvolver a vida do Movimento na região.

*Juliana Fonseca,
João Batista de Brito*

Na Índia Na «linha» de Chiara

Um «focolar temporário» original



Num diálogo com o Diretor do meu sector do Hospital Gemelli de Roma, nasceu a ideia de elaborar um projeto sobre a minha especialidade (ecografia), cuja primeira etapa se concretizou na Índia. Foi sua a proposta de levar comigo duas colegas jovens, para fazerem uma experiência de formação: Francisca Moro, ginecologista com 33 anos, e Benedita Ionata, psicóloga de 28 anos.

A notícia da nossa chegada foi acolhida por Marilù Rossi, focolarina em Mumbai, como sendo uma resposta de Deus ao seu desejo que pessoas do mundo da saúde, com ela relacionadas, se encontrassem com alguém da Obra, em Itália. A Marilù organizou as várias etapas (depois de Ahmedabad - sede do Congresso -, Goa, Mumbai, Coimbatore) propondo-nos de viver juntas uma espécie de «focolar temporário».

Encontrámos a comunidade do Movimento, nas

várias cidades, conhecemos as alegrias e desafios dos projetos sociais que tinham, vivemos momentos de família, de diálogo inter-religioso e de intercâmbios culturais com pessoas empenhadas no âmbito da saúde.

A Francisca, que nos conhecia há pouco tempo, ficou impressionada com esta riqueza de relacionamentos. No dia 7 de dezembro, à noite, pudemos ver juntas um breve vídeo sobre a história de Chiara. E a Benedita - que tinha sido uma gen4 - contou a sua experiência iluminada pelo Ideal.

Os dias passados na casa da doutora Vinu Aram, *leader* do "Shanti Ashram" em Coimbatore, foram dos momentos mais significativos. Foi experimentar palpavelmente os frutos de uma experiência de diálogo e colaboração entre os Focolares e esta Organização hindú gandiana, que dura há mais de 25 anos, realizando inúmeros projetos de

transformação social. Uma imagem que espelha todas: no templo hindú de Perur, um casal australiano fez-nos algumas perguntas. Estava connosco o Vij, um homem de 40 anos, do "Shanti-Ashram", e foi ele que começou a falar do Focolar e do carisma da unidade. Tinha um olhar luminoso de quem, em rapazinho, viu Chiara com os seus próprios olhos.

Voltando para Roma pudemos mostrar as imagens e contar a um grupo de médicos jovens, do Hospital Gemelli, que nos tinham seguido entusiasmados. Passado um mês, reencontrámo-nos, com a Francisca e a Benedita, para receber o nosso diretor, no focolar. Ele encorajou-nos «a ir mais além» mantendo os contactos (está no programa um convite à Vinu para uma possível parceria) e desenvolver redes de colaboração profissional e científica.

Antonia Testa

Carlo De Gasperi

«Causa da nossa alegria»

Nasceu na região de Trento há 88 anos, juntamente com a sua bela família de oito irmãos, dos quais duas irmãs religiosas e a Lucia, focolarina agora na Mariápolis celeste.

Para não se comprometer com o regime da época, tiveram que se transferir e recomeçar do nada. Uma ferida que Carlo iria curar com muito esforço. Conhece o Movimento com 27 anos e - conta - ao encontrar Chiara, «apesar da dor que trazia dentro de mim, encontrei algo de maior, o amor de Deus [...]. Aos poucos descobri a estrada do focolar e, em 1960, fui para a escola de formação em Grottaferrata». Carlo era agrônomo, mas especializou-se como carpinteiro e tornou-se competente para dirigir uma carpintaria, primeiro em Grottaferrata, depois em Loppiano e iniciar uma em Manila, onde dá o melhor de si mesmo, de 1967 a 2013.

São muitos os testemunhos, vindos das Filipinas. Ray Asprer, agora no Centro da Obra, escreve: «Conheci-o desde gen e, pouco depois, reencontrámo-nos no focolar. Podia ser meu pai, mas éramos irmãos. Vivía o Ideal com radicalidade. Todas as noites, depois de tantos desafios no trabalho, cansado mas sereno, era ainda capaz de rir à mesa. Às cinco da manhã, chovesse ou fizesse sol, saía para ir à Missa e depois para a carpintaria, situada na periferia de Manila. Fazia-o não só pelo sentido de responsabilidade mas pelo seu grande amor pelos pobres. Através da carpintaria - fruto do seu empenho durante 40 anos - deu trabalho a centenas de pessoas, ensinou a profissão a muitos jovens com necessidades, construiu uma aldeia inteira para as famílias dos empregados. Carlo dava esperança e conhecia todos pelo nome».



Em 1971, o Carlo escreveu a Chiara: «No teu diário tocou-me o que dizes: “as pequenas coisas fazem-nos perceber Maria, isto é, o ser amor”. No fim de cada dia sinto que tem mais valor o copo de água oferecido por amor que o ter feito cem mesas». E em 1973: «Quanto mais passam os anos, mais forte é o desejo que tenho de me tornar filho de Maria». «Do íntimo de quem acredita em mim, como diz a Escritura: hão

de jorrar rios de água viva» (cf Jo 7,38), é a sua Palavra de vida.

Em 2012 volta para a Itália. Ficou a morar em Loppiano, no focolar verde «Nova Unidade». Quanto mais perde as forças e a possibilidade de fazer, mais o seu ser irradia amor e luz. O seu relacionamento com Maria é cada vez mais profundo no querer imitá-La, dando vida à ladainha que Chiara lhe deu: «causa da nossa alegria».

A sua doença foi-se agravando e, nos últimos dias, recebeu a unção dos enfermos, continuando a dizer «obrigada» a quem o assistia. No dia 23 de fevereiro, na presença de alguns familiares, o Carlo entrega a sua alma a Deus, deixando atrás de si muita gratidão pela sua incansável doação a Ele e aos irmãos.

Rita Carretta

A alegria de ser de Deus

Rita, de uma família numerosa da Basilicata (Itália), conheceu o Movimento quando tirou o diploma de professora primária e cedo compreendeu que a sua estrada era o focolar. Ela diz a Chiara: «Escolhi Deus como único ideal



da minha vida e Ele chama-me a amar Jesus Abandonado e Maria Desolada. A minha vida resume-se numa só palavra: caridade».

Depois da formação, em Loppiano, e passados dois anos no focolar em Istambul, voltou para a Itália devido a um problema de saúde que a levaria a fazer duas operações ao coração. Escreveu a Chiara, do hospital: «Hoje as amigas de quarto perguntaram-me se tinha namorado. Ao contar-lhes sobre a escolha do meu Esposo, senti uma alegria imensa de Lhe pertencer... Gostaria de cantar de alegria e dizer a todos que Jesus Abandonado é a vida, a verdade, a liberdade!... Quero fazer do meu quarto (tem seis camas) o Paraíso!».

Com o restabelecimento da saúde participa ativamente na vida da Obra e segue, com uma sabedoria especial, as religiosas e o diálogo ecuménico. Em 2002, no focolar do Centro Mariápolis de Benevento, faz um balanço da sua vida: *«Há um ano que o Esposo está a escavar na minha alma fazendo-me penetrar, cada vez mais, no Carisma. O Ressuscitado é o meu mestre e Maria a mãe que corrige, consola, reaviva, para brotar água viva de cada "sim" à vontade de Deus»*. Em 2013 escreveu à Emmaus: *«A Palavra de vida que Chiara me deu: "A caridade nunca faltará" (1Cor 13,8), tornou-se agora o porquê da morte do meu eu para ter acesso ao Paraíso aqui na Terra e depois no Céu, com o testemunho da unidade com Deus e com todos os irmãos que passem por mim»*. E são muitos os que confirmam o seu amor acolhedor, pessoal e constante.

No último período, o seu carácter forte e determinado, que a ajudou a ir em frente, em muitos momentos da doença, foi mais uma vez posto à prova com a perda da autonomia e da facilidade de expressão e de ação. A Rita continuou a ser dócil ao trabalho de Deus. Participa na construção da unidade no focolar com poucas palavras, mas sempre cheias de sabedoria. No dia 1 de fevereiro, com 80 anos, depois de um *"consenserint"* feito com as focolarinas reunidas à sua volta, parte docemente para a Mariápolis celeste.

Giancarlo Sina

«Vós sois o sal da terra» (Mt 5,13)

Originário do nordeste da Itália, o Giancarlo era estudante de medicina quando encontrou o Ideal da unidade. Três anos depois já estava no focolar, em Trento. «Também eu desejo – confia a Chiara Lubich – associar-me àquele empenho de santidade do qual falas no teu diário. Pedi a Jesus que arrancasse da minha vida a maior glória possível para Si». Mais tarde vai para Catânia e para outros focolares de Itália, passando alguns meses na, assim chamada naquela época, Checoslováquia.



Em 1973 foi para Fontem (África) e dedica-se a muitos doentes - até 200 por dia – que vão ao hospital da cidadela. Colabora na investigação de medicamentos eficazes para a doença do sono, com a patente do protocolo *«Sina/Triolo»*, que foi publicado no *“Medical Journal”*. Em 1981, em pleno *apartheid*, foi abrir o focolar na África do Sul. O Giancarlo sofre muito com esta chaga social, ao ponto de, quando fala disso, não conseguir conter as lágrimas. Sustentam-no a unidade com os focolarinos e uma fé sólida, alimentada com uma rigorosa fidelidade às práticas de piedade.

Em 1996 regressou a Trento. Em 2004 voltou para a África (cidadela Piero, no Kenya) onde se ocupa da formação dos jovens que se sentem atraídos pelo focolar. Fica lá oito anos antes de voltar definitivamente para Itália. Em 2009 escreveu: *“Entrei no focolar alguns dias*

antes de começar a última Mariápolis de Fiera di Primiero (1959) e, no dia 15 de julho, cinco de nós fomos ter com Chiara que quis conhecer as nossas histórias e falou-nos sobre Jesus Abandonado como a essência da vocação do focolarino. Nestes dias concluem-se os meus 50 anos de focolar: uma vida, por um lado cheia de erros, de faltas de amor que confio à misericórdia de Deus. Mas lembro-me ainda mais das graças, da luz, da alegria, da plenitude de vida que Deus me fez experimentar, assim como do amor

e unidade daqueles que estiveram ao meu lado nestes anos».

A sua vida foi ao serviço dos outros, iluminada pelo sorriso e pela sabedoria. É significativo este seu escrito: «Pelo pouco que fiz, parece-me ter experimentado com plenitude e profundidade a alegria e liberdade de viver Jesus Abandonado e Maria Desolada. Perdi tudo, e todo o meu Bem está agora na Sua vontade, e depois no Paraíso». No dia 5 de fevereiro, com 86 anos, o Giancarlo concluiu serenamente a sua «santa viagem».

Anita Goedecke

Autêntica esposa de Jesus Abandonado

Nascida em Berlim (Alemanha) numa família de princípios sãos, a Anita inscreve-se em Medicina para estar perto de quem sofre. Aos 19 anos conhece Natália Dallapiccola, a primeira companheira de Chiara, que tinha chegado a Leipzig pouco tempo antes. Fascinada pelo Ideal da unidade, descobre a sua vocação, no focolar.

Depois da licenciatura, especializa-se no hospital onde Clari Santanchè, um dos primeiros focolarinos que foram para o outro lado da 'cortina', estava a organizar um sector de anestesia e cuidados intensivos. Começou assim uma vivíssima célula de ambiente, composta por médicos, enfermeiros e doentes com relacionamentos de amizade que duram até agora.

Durante trinta anos a Anita contribuiu com um ardor incansável a difundir o Movimento por outras cidades da Alemanha de leste. As pessoas da comunidade consideram-na: «a amiga, a irmã, a mãe», que partilha alegrias, dores, situações difíceis. O seu coração



bate ainda pela unidade das Igrejas. De 2012 a 2015 esteve na cidadela da Suíça, em Montet. Depois volta para Zwochau (Alemanha).

Das suas cartas a Chiara: «Estou muito agradecida pela dádiva do carisma da unidade que nos dá luz, alegria, paz, esperança, força. Mas nada disto existiria se não tivéssemos recebido a chave, Jesus

Abandonado nosso único Esposo. Quero viver por este amor exclusivo a Ele, e morrer a mim mesma para estar no Ressuscitado» (1983). «Vivendo a Palavra parece-me poder “tocar” a presença de Jesus no meio, o Santo por excelência. Que predileção sem mérito e que responsabilidade sinto por isto! Quero fazer tudo o que posso para me tornar uma autêntica esposa de Jesus Abandonado» (1986).

Em 2016 anuncia-se a doença, que a Anita enfrenta com coragem e fé, abandonando-se em Jesus no meio para viver, mesmo nos momentos de escuridão, no sobrenatural. Passa as últimas semanas no hospital onde tinha trabalhado, acompanhada com competência e dedicação por médicos e enfermeiros. «Experimento agora – escreve – como Deus me conduz devagarinho à Sua paixão para

August Wilke

Fé inabalável em Deus e muita atenção para com as pessoas

O August fazia parte do focolar de Berlim e chegou à Casa do Pai no dia 3 de março. Faleceu em Guben, uma cidade pequena na fronteira com a Polónia, onde tinha nascido há 93 anos.

O August já era pai de cinco filhos quando, em 1965, com a mulher, a Gisela, conheceu o Ideal. Ambos se tornaram focolarinos casados. «Ao encontrar a Obra de Maria, a nossa procura de harmonia - recordava num escrito - adquiriu um novo significado: ter em vista a unidade, ser um coração e uma alma só, criando as condições para a presença de Jesus entre nós. Desde então - não de repente, mas pouco a pouco - o desejo de uma coexistência harmoniosa transformou-se na vontade firme de viver a unidade e de, assim, aproveitar ao máximo a graça do casamento: a vida com Jesus no meio».

As difíceis experiências da II guerra mundial, a custosa reabertura da sua empresa no pós-guerra e, mais tarde, a sua expropriação e um mês de prisão sob o regime comunista da então RDA, marcaram-no profundamente. O August aceitou como vontade de Deus a

viver n'Ele. Já não sou eu que faço algo, é Ele que faz, Ele tem-me nos Seus braços. Encontrei um novo relacionamento com Maria: sinto que está perto de mim e peço-Lhe que me ajude a dar todos os passos. Ela, com o seu imenso amor e grandeza, abre-me a porta para ir ter com Deus. Peço para permanecer fiel até ao fim». No dia 2 de fevereiro a Anita vai ao encontro do esposo, aos 75 anos de idade. «Vivei no amor, como também Cristo vos amou e por nós se sacrificou a si mesmo» (Ef 5,2) era a sua Palavra de vida.



passagem de empresário a funcionário e, mais tarde, a um simples empregado. A viragem política, com a respectiva restituição da empresa, foi para ele uma experiência de ressurreição.

Em junho de 1991, confirmava a Chiara: «Compreendi de novo e com uma profundidade muito maior a maravilhosa aventura divina em que me meti...».

Durante muitos anos trabalhou com afinco, quer na paróquia quer na comunidade local e na vida da Zona. O testemunho da Gisela e do August, no Family Fest da Zona, em 2005, foi inesquecível pelo seu amor jovem e ao mesmo tempo maduro.

Embora morasse longe do focolar, mantinha-se sempre em estreito contacto. Deu apoio na reconstrução do Centro Mariápolis de Zwochau (Leipzig), e, nas emergências, estava sempre pronto a pôr os seus bens em comum, renunciando até, às vezes, das férias.

Quando há três anos e meio a Gisela (v. *Mariápolis* n. 11/2014) partiu para o Paraíso, o August sofreu muito e começou a preparar-se para a «sua hora». Embora desejasse partir para o Pai, permaneceu activo, assegurando ao focolar, com frequentes telefonemas, unidade e orações e recebia em sua casa, para o retiro, os focolarinos.

No seu funeral, os filhos, os netos e os bisnetos cantaram o Te Deum, num clima de profunda comoção e gratidão.

Os jornais locais também publicaram a notícia da sua morte. O Presidente da Câmara escreveu que só o nome «Wilke» já tinha um significado: o August, de facto, era bem conhecido na cidade e, em 2017, foi inscrito no livro de ouro do Município. O espírito da família Wilke, a fé inabalável em Deus e o empenho em desenvolver o próprio trabalho com imparcialidade permanece ainda hoje como o estilo da empresa.



Howard J. Belcher

O matrimónio como caminho de santidade

O Howard, primeiro focolarino casado dos Estados Unidos, chegou à Mariápolis Celeste no dia 18 de fevereiro, com 83 anos, rodeado pela sua mulher, a Rosa, focolarina casada, pelos filhos, entre eles o Paul, focolarino, e pela irmã, a Alice, também ela focolarina casada.

Numa das suas primeiras Mariápolis, o Howard conheceu a Rose e decidiram formar uma família, tendo por base o Evangelho. Compreendeu que qualquer sofrimento reflectia um rosto de Jesus Abandonado e, todas as vezes que Ele se lhe apresentava, procurava dizer-Lhe "sim", abraçava-O e escreveu: «Agradeço-Lhe por ter vindo visitar-me. Depois, volto a fazer o meu trabalho, a amar a pessoa que está ao meu lado, e a minha vida passa da escuridão à luz. Vejo que sou capaz de sentir que também são minhas as necessidades e as dificuldades dos outros.

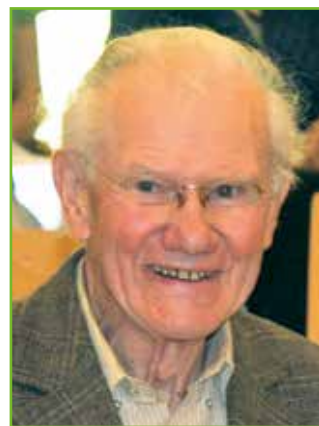
Vinte anos depois do casamento, foi diagnosticada à Rose a esclerose múltipla. «Quando soubemos, estávamos juntos no hospital - recordava o Howard. Juntos, dissemos que queríamos continuar a acreditar que Deus nos ama e que também a doença pode ser, de qualquer modo, uma dádiva para a nossa família». Mais tarde voltou a escrever: «Sinto que o casamento é um caminho de santidade. Embora com toda a beleza de se ser uma família, Deus permite sempre muitos sofrimentos, de modo que cada um cresça na virtude, na santidade e na compreensão do outro». Em 1986, com a Rose e dois dos seus filhos renunciaram a uma vida de maior estabilidade económica e mudaram-se como família-focolar para a Mariápolis Luminosa, que estava a começar a nascer. Ali pôs de imediato mãos à obra na reparação e

reconstrução dos vários edifícios. No dia 14 de março de 2010, foi conferido ao Howard e à Rose o Prémio Luminosa, pelo seu incrível contributo para a edificação da cidadela.

Também para o Howard chegou o dia em que, por motivos de saúde, teve de oferecer tudo o que já não podia continuar a fazer, e fê-lo permanecendo no amor e vivendo, até ao fim, o significado do nome novo que Chiara lhe tinha dado: Parvi: Palavra vivida. E a sua Palavra de Vida: «a Minha mãe e os meus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática» (Lc 8,21).

Karel Van Driessche

*«Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus»
(Mt. 5,8)*



Focolarino casado de Bruxelas, com a sua mulher, a Jeanne - também ela focolarina, já na Mariápolis Celeste - o Karel esteve entre os pioneiros do Movimento na Bélgica. Jovem médico, à procura de conciliar mundo-espírito e religião e vida concreta, nos anos 60', conheceu o Movimento e percebeu que tinha encontrado aquilo que o seu coração esperava há muito tempo. Na vocação do focolarino casado experimentou que «no amor recíproco com os focolarinos virgens, purificamos as realidades dos nossos mundos e voltamos para casa renovados. Podemos, por isso, por sua vez, amar a esposa, os filhos e a comunidade de uma maneira mais correta».

Escreveu a Chiara: «Desposar Jesus Abandonado significa amá-Lo no meu cansaço, nas dúvidas, na falta de unidade entre esposos, que às vezes acontece, nos meus doentes com as suas dores físicas e morais.

Quando comecei a trabalhar, perdia a paciência com os velhinhos e com as crianças difíceis, os corpos em degradação das pessoas cancerosas repugnavam-me. Agora vejo neles Jesus Abandonado, como membros doentes do Corpo Místico de Cristo. Sei que é por eles que sou médico» (1967).

O Karel e a Jeanne foram, durante muitos anos, responsáveis de zona de Famílias Novas. «Com muitas destas famílias - confiava a Chiara - temos vários encontros, alguns pessoais, que, com a Jeanne, procuramos viver completamente vazios de nós mesmos, de modo que os casais possam confiar-nos os seus problemas e chegar a novas intuições, originando assim o processo de recuperação do seu relacionamento» (1987).

Quando, em 2015, a Jeanne faleceu, para o Karel começou um período difícil, até porque as suas forças foram diminuindo. Um tempo em que, conhecendo o seu estado de saúde, começou a preparar-se conscientemente para o encontro com Jesus. Reuniu-se a Ele, no dia 22 de fevereiro, no final de uma vida rica e intensa (96 anos), preciosa herança para os seus muito amados filhos e para todas as pessoas que partilharam com ele a «santa viagem».

Pietro Tierno

*Uma vida enérgica de
inspiração mariana*

O Pietro, focolarino casado de Nápoles, no dia 16 de março, com 70 anos, deixou este mundo devido a um acidente doméstico, ocorrido alguns dias antes.

Homem conhecedor, sábio, concreto, sempre pronto a ajudar os outros, gostava mais de passar despercebido do que ser notado. Nascido numa família de íntegros princípios religiosos, licenciou-se em engenharia e encontrou trabalho nas telecomunicações. Na paróquia formou



um conjunto musical, construiu instalações desportivas e criou associações de âmbito social.

Num campo de férias, conheceu a Orsola. Quando se estavam a preparar para o casamento, conheceram o Movimento e, para poderem participar na Mariápolis, adiaram a "lua de mel" de núpcias. Foi o início de uma vida toda impregnada do ideal da unidade.

Em 1981, escreveu a Chiara: «Sinto dentro de mim uma grande vontade de me fazer santo». E, alguns anos mais tarde, comunicou-lhe que tinha decidido ser um focolarino casado. Do seu matrimónio nasceram quatro filhos: o Nino, o Marco e os gémeos Luca e Paolo. A doença e a morte do pequeno Marco foram para ele uma grande provação, que só conseguiu ultrapassar abraçando Jesus Abandonado.

Com o afecto e o seu testemunho, o Pietro fez nascer uma grande confiança nos filhos, formando-os como «homens novos» do Evangelho. Foram muito comoventes as frases que eles disseram no funeral, entre elas: «... nunca vou esquecer quando eu esperava com ansiedade o teu regresso das viagens de negócios e nos trazias revistas sobre dinossauros e chocolates, ou quando íamos de férias e tu, juntamente com os primos e os amigos do

Movimento, organizavas as olimpíadas na praia».

O relacionamento com a Orsola, também ela focolarina casada, tornou-se cada vez mais profundo. «Talvez, pela primeira vez - escreveu em 1983 - falámos entre nós sobre um plano de uma tão maravilhosa espiritualidade! Não sei dizer muito bem aquilo que experimentei, é indescritível

e experimentei o que é a unidade na família». O Pietro e a Orsola foram a família-focolar de referência para muitas famílias. Durante muitos anos, foram responsáveis de Famílias Novas das suas regiões e, mais tarde, da Economia de Comunhão, que começava a desenvolver-se.

O Evangelho era a lei da sua existência, inspirado com simplicidade e força pela sua Palavra de Vida: «Eu sou a luz do mundo, quem Me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida (Jo 8,12).

Quando se reformou, o Pietro assumiu a presidência do Conselho de Administração do Centro Mariápolis de Benevento, função que desempenhou com competência e estima dos seus colaboradores. Um deles recorda: «Depois de transmitir a sua ideia, perdia-a logo como se não fosse importante. Mas, pelo contrário, aquilo que pensava era quase sempre o que estava certo, que nos ajudava a dar os passos necessários, com prudência, mas com determinação».

«Seguindo o exemplo da sua vida - escreveu a Emmaus -, enérgica e de inspiração mariana, estamos unidos à Orsola e a toda a família, especialmente na oração».

Ines Dell'Eva Levegghi

Testemunha dos primeiros tempos

Natural do Val di Sole (Trentino), a Ines era uma jovem professora, quando na sala Massaia, em Trento, conheceu Chiara Lubich. Mas eram tempos difíceis para ela e, a princípio, não quis continuar a frequentar o grupo.

«Na Páscoa de 1945 - contava - cheguei-me uma bonita imagem de Jesus Crucificado, assinada por Chiara e que tinha escrito: "Pérola de Jesus Crucificado. Que o grito de Jesus Abandonado possa atravessar o mundo". Desde então, essa imagem tornou-se numa imagem que fala».

Tornou-se uma voluntária. Era alegre, afável, determinada e diligente, espalhando às

mãos cheias, ao seu redor, as dádivas que Deus lhe concedia, manifestando-Se como Amor. No que respeita à família, envolveu os netos na experiência da Mariápolis e depois levou-os a conhecer Loppiano. Na Igreja local era ministro extraordinário da Eucaristia.

Tinha já 85 anos quando, em 2007, encorajada por uma companheira de núcleo, convidou o Presidente do Município da sua terra para o encontro de «Juntos pela Europa». O autocarro que partia de Trento já estava completo e, por isso, o Presidente decidiu ir a Estugarda (Alemanha) de automóvel, com um amigo. Voltaram ambos entusiasmados. O relacionamento com ele e com o pároco de Castello - terra onde Chiara tinha sido professora - continuou, suscitando ideias e iniciativas para honrar a memória de Chiara e dá-la a conhecer às pessoas do local.

«O meu sofrimento, coloco-o na conta corrente de Chiara» escreveu há algum tempo

à responsável de núcleo, que testemunhou: «a Ines acreditava com todas as suas forças em Jesus no meio. Quando íamos visitá-la, recebia-nos com um enorme sorriso... em nós via não tanto as pessoas limitadas que somos, mas portadoras d'Ele entre nós. Quer na instituição onde tinha escolhido viver, quer no hospital, quis pendurar o seu quadro de Jesus Abandonado e, ao lado, o de

Maria Desolada. "São o meu tudo", dizia».

No dia 19 de novembro, aos 95 anos de idade, a Ines «voou» para os braços do Pai. No seu testamento espiritual quis que todos ficassem a saber que o Ideal de Chiara foi o motor da sua vida. «O mundo não sabe - escreveu - mas devia saber: Deus ama-me, Deus ama-te, Deus ama-nos imensamente».

Chiara Negherbon Mose





Pe. Rainer Lührmann

*«Consagra-os na verdade.
A tua Palavra é a verdade»
(Jo17,17)*

Sacerdote focolarino da Alemanha, o Pe. Rainer estava ainda no seminário, em

Frankfurt, quando aderiu, de coração aberto e generoso, ao Ideal da unidade. Passou um ano no Centro gens e, no ano 2000, foi ordenado sacerdote. Foi vice-pároco durante sete anos e depois mudou-se para o focolar de vida comum, em Osnabrück. Em 2011, tornou-se pároco em Breme, mas dois anos depois, por motivos de saúde, teve de deixar estas funções. Cumpriu, assim, o seu ministério «em segunda fila», mas no amor concreto para todas as pessoas, especialmente para com os jovens que lhe estavam confiados, utilizando as modernas ferramentas de comunicação.

O Pe. Rainer tinha uma visão real sobre as coisas e sobre o mundo e não hesitava em colocar-se a si próprio e aos outros na verdade que liberta. Todos falavam de bom grado com ele: sentiam-se compreendidos e confortados. Em 2017, sofreu um ligeiro enfarte e, de seguida uma doença grave. Mas ele ainda quis voltar para a paróquia, sobretudo por causa dos jovens que o esperavam.

Nos últimos meses, os companheiros de focolar e a sua família estiveram sempre ao seu lado, fazendo cada coisa em unidade, quase como uma única família, natural e sobrenatural. Os médicos e os enfermeiros disseram que nunca tinham visto um doente sofrer tanto e, ao mesmo tempo, permanecer feliz e sorridente.

No dia 5 de março, o Pe. Rainer, com 46 anos de idade, chegou junto do Esposo da sua alma. No funeral, estiveram presentes 750 pessoas, entre as quais 90 meninos do coro infantil e muitos jovens. Outras 700 pessoas e 80 sacerdotes participaram, no dia seguinte, numa Missa na sua terra natal.

Pe. Matthias Hembrock

Madre Marie-Claire Coustel

«Calar-se e adorar»

Ainda antes de se tornar Beneditina do Santíssimo Sacramento, no Mosteiro de Mas

Grenier (Montauban - França), do qual foi superiora durante mais de 40 anos, a Marie-Claire teve a graça de conhecer Chiara na primeira Mariápolis de Lourdes (1961) e de ter ficado ligada a ela através de uma profunda amizade espiritual. Pela sua fidelidade a Jesus Abandonado e pela sua



predileção pela unidade, a Madre Marie-Claire foi uma guia luminosa para as suas religiosas e para os amigos que a visitavam.

Foi durante muitos anos conselheira central da sua Ordem, deu a conhecer a muitas pessoas o Movimento, especialmente aos muitos jovens que passavam pelo Mosteiro. Na altura da morte de Chiara (2008) organizou um álbum com artigos sobre ela, testemunhos de personalidades, discursos e mensagens de Bispos e representantes de outras Religiões, para a dar a conhecer à multiforme realidade do carisma beneditino.

Sabendo que estava gravemente doente, com muita serenidade, preparou-se para o encontro com o Senhor, segundo o lema «calar-se e adorar» que caracterizou a sua vida. No dia 19 de dezembro de 2017, com 81 anos de idade, levantou voo para o Céu, onde certamente continuará a interceder pelas pessoas consagradas, pela Igreja e pelo mundo inteiro.

Ir. Andrèe Anger

Germaine Grimard St-Hilaire

De surpresa em surpresa

Voluntária de Montreal (Canadá), a Germaine, no dia 6 de dezembro chegou à Mariápolis Celeste, aos 83 anos de idade. Em 1980, quando o filho, o Marc - agora focolarino no Centro da Obra - estava em Itália para o Genfest, encontrou no quarto dele o convite para a Mariápolis de Nova Iorque e sentiu-se motivada a participar. Naqueles dias aconteceu nela uma profunda transformação e, quando voltou, quis selar com o Marc o pacto de unidade, para poder viver também em família com Jesus no meio. Uma nova luz fez brilhar as suas características de mulher forte, honesta, sincera, tornando-a ainda mais alegre e espontânea.

Quando os filhos se tornaram adultos, retomou os estudos de enfermeira, profissão que desempenhou com muito entusiasmo num serviço de obstetrícia e, mais tarde, num centro para religiosas idosas e doentes. Na óptica do «sair», com o marido, o Claude, procurou criar relacionamentos com as pessoas do condomínio que viviam sozinhas.

Na residência para idosos para onde se mudou, a Germaine continuou a cumprimentar com o sorriso também uma senhora que ficava sempre indiferente, procurando sentar-se ao seu lado apesar da sua aparente recusa. Um dia, finalmente, a senhora retribuiu a saudação e perguntou-lhe como estava. A uma voluntária que lhe perguntou como se estava a preparar para o Grande Encontro, a Germaine contou esta sua experiência e concluiu: «Como me preparo? Amando. Eu estou pronta e não tenho medo de morrer. Sei que a morte é só uma passagem e sei para onde estou a ir».



«Nestes últimos dias - confirmava o Marc - eu via-a, sempre cada vez mais, a ir em profundidade. Tinha feito uma forte escolha de Jesus Abandonado e todas as vezes que Ele se apresentava, renovava o seu "sim". Esperava com alegria o Passa Palavra, o "Collegamento" e o tema do ano, que aprofundava mês após mês. Apesar da idade avançada, o Ideal continuava a levá-la de surpresa em surpresa».

Maya El Takchi Nas

José Mendoza Beteta

Jesus no meio: a sua luz e a sua força

Voluntário de Jaén (Espanha), o José trabalhou durante muitos para a Companhia de Telefones de Espanha como técnico qualificado, tendo conquistado a confiança e o respeito dos superiores hierárquicos e dos colegas. Era casado com a Angelita e, como não tiveram filhos, dedicaram-se, com entusiasmo e amor, a cuidar de crianças órfãs e necessitadas, tornando-se tutores de algumas: uma experiência que não era fácil, apesar de ser muito gratificante. Ter conhecido o Ideal reafirmou e motivou ainda mais a sua entrega, e para as crianças, sempre amadas como filhos, era como se eles fossem os seus verdadeiros pais.

Juntamente com outros voluntários, o José colaborou na construção de um lar de idosos, tendo tido o cuidado de criar, entre os seus habitantes, um clima de família que lhes trouxesse alegria. As experiências que partilhava, simples mas sempre muito concretas, eram caracterizadas por actos de amor, como por exemplo almoçar com uma pessoa



idosa que estava a passar por um momento difícil, conversar com uma pessoa que sofria da doença de Alzheimer ou comprar uma caixa com óculos de várias graduações, para distribuir pelos habitantes do lar, etc..

Esperava com alegria o momento do encontro de núcleo porque - dizia - «Jesus no meio é a minha luz e a minha força». No dia 2 de novembro, com 86 anos de idade, um enfarte ocorrido durante a noite levou-o para o Céu.

Toni Torres



Dolores (Lola) Zoghbi Cabrera

Iluminou e transformou a sua cidade

A Lola, voluntária das Ilhas Canárias, partiu para o Céu, com 96 anos de idade, no dia 17 de janeiro de 2017. Era uma mulher forte, com muita iniciativa. O seu espírito lutador, aliado aos seus dotes de criatividade, inteligência e sabedoria, ajudaram-na a criar sozinha os seus cinco filhos e, no trabalho que fazia pela Obra, sem se poupar.

Dedicava-se com entusiasmo ao desenvolvimento de Humanidade Nova, de que foi durante anos responsável de Zona, envolvendo-se nos diversos problemas sociais da região. Com outros membros da Obra, fundou a «Associação Sócio Cultural Luminosa», cujos Estatutos foram registados pelo Governo das Canárias e que estão atualmente ainda em vigor, no que respeita às controvérsias éticas sobre trabalho e imigração. Publicou artigos nos jornais locais e fez intervenções na rádio e na Televisão para denunciar as injustiças sociais de

que tinha conhecimento e para, assim, conseguir a colaboração das instituições. Fez ações educativas e de luta contra as dependências, promovendo a interação entre gerações e tendo em atenção a ecologia e o ambiente.

Quando fez 80 anos, as voluntárias ofereceram-lhe um computador para poder viver com a Obra atualmente. E foi assim que, através da internet, conheceu uma pessoa da Argentina a quem mandava todos os meses a *Palavra de Vida*. Na sua longa existência, com humor, engenho e transparência, a Lola foi capaz de iluminar e transformar a sua cidade.

Ana Guerrero

Ir. Stefania Biava

O «muito fruto» do Evangelho

Religiosa das Irmãs do Menino Jesus, natural de Bérgamo, a Ir. Stefania conheceu o Ideal da unidade na comunidade paroquial de Vallo Torinese. «Foi uma grande luz - contava -, um salto de qualidade na minha vida. A espiritualidade de Chiara Lubich adequava-se

perfeitamente à do meu fundador». Com alegria, procurou colocá-la em prática na sua comunidade, na escola onde dava aulas, na paróquia, com todas as pessoas, do Norte ao Sul da Itália, das aldeias de Roma a Nápoles. Em toda a parte, tinha uma atenção especial pelos mais fracos e, com a sua capacidade

evangélica de partilha, conseguia relacionar-se até com as pessoas mais distantes, em sintonia com o lema que Chiara tinha escolhido para ela: «Vivendo o Evangelho, darás muito fruto».

Aos 78 anos foi-lhe pedido que deixasse a missão. «A Providência - escrevia numa carta - preparou-me uma experiência maravilhosa,



feita já não de "saltos" com os jovens, mas de "saltos" na fé e no amor para com irmãs doentes e idosas da minha congregação. Nesta realidade existem muitas coisas extraordinárias, mas também dolorosas: é uma experiência de aceitação, de paciência, de me exercitar a vê-las com o olhar de Jesus. No fundo, esta é a nossa vida. É a caridade perfeita que, mesmo que elas estejam erradas, não as julga.

Também esta é uma graça que Deus me está a conceder».

No dia 9 de dezembro, com 90 anos de idade, a Ir. Stefania partiu para o Céu, em "bicos de pés", depois de uma vida totalmente oferecida a Deus na simplicidade e na gratidão. Uma verdadeira menina do Evangelho que, com o coração enraizado em Jesus Abandonado, experimentou com Chiara «o já e ainda não» do Paraíso.

Ir. Marina Motta



Tomas Pascual Rodriguez

Dar visibilidade à Obra

Nascido numa família de princípios religiosos puros, o Tomas licenciou-se em Química, especializou-se em Enologia, e deu o seu contributo precioso a diversas universidades espanholas. Casou-se com a Laura e, aos 46 anos, na Universidade Laboral de Sevilha, alguém lhe falou do Ideal. Juntamente com a mulher, aderiu com entusiasmo a esta novidade de vida e ambos se tornaram voluntários. Chiara escolheu para eles a Palavra de Vida: «Deus manifesta-se àqueles que O amam» (cf. Jo 14,21).

O Tomas, sempre cada vez mais impressionado com o estilo de vida dos Focolares,

trabalhou "no duro" para o dar a conhecer aos seus nove filhos, aos amigos e conhecidos. Era assíduo às Mariápolis e a toda a vida da Obra. Ofereceu-se para ser docente da Universidade Popular Mariana. Foi responsável de núcleo durante muitos anos e empenhado da Secretaria de Humanidade Nova, sem descurar os muitos encontros com irmãos de várias Igrejas. Muito zeloso na distribuição da *Palavra de Vida*, aproveitava todas as oportunidades para anunciar o Ideal e dar visibilidade à Obra.

Quando completou 90 anos, sentia que a sua hora estava a aproximar-se e, ao preparar-se para isso, rodeado da sua família, confiou-se ao Espírito Santo para que o ajudasse até ao último momento, repetindo constantemente. «Tenhamos Jesus no meio». Partiu para o Céu no dia 18 de setembro de 2017.

Toni Torres

Thérèse Zoghbi

Dela emanava a «baraké»

O que impressionava na Thérèse - voluntária do Líbano - era a sua autenticidade, a sua união com Deus, a sua oração que se prolongava por muito tempo diante



do Santíssimo, a sua rapidez em servir, visitar os doentes, cuidar dos amigos no hospital.

Com algumas companheiras, em 1985, descobriu um bairro desfavorecido nos arredores de Beirute, ocupado por refugiados. Desde então, nunca mais abandonou

aquelas famílias, as crianças, os irmãos, revivendo, naqueles tempos de guerra, a experiência das primeiras focolarinas. A Thérèse consagrou a sua vida a Deus no serviço a estas pessoas, que eram acompanhadas pelo Instituto de Crianças e Jovens Surdos (IRAP).

Como era farmacêutica, encarregou-se do centro médico-social. Viam-na a percorrer o bairro, esperada e amada por todos, especialmente pelas crianças. Os médicos gostavam dela e respeitavam-na, conversando com ela para «adquirir a baraké» (graça, bênção), aquele

qualquer coisa de sobrenatural que emanava da sua presença.

Nos últimos tempos, enquanto rezava lendo os salmos, os seus olhos fechavam-se devido ao cansaço, mas continuava a recitá-los de cor, sobretudo o *Magnificat*, abrindo os olhos com um sorriso para todos os amigos que vinham visitá-la. A Thérèse deixou este mundo no dia 28 de setembro de 2017, com 83 anos de idade, acompanhada da unidade de toda a Obra.

Rita Harzoung

Chiara Grillo Bettero

Uma «criança» um pouco especial

Na noite de 17 de dezembro de 2017, a Chiara sofreu uma hemorragia cerebral e partiu inesperadamente para o Céu, na sua casa, em Rovigo (Itália), aos 37 anos de idade.

Era mãe de três crianças: Mariasole de dez anos (gen3), Lorenzo de sete (gen4) e Margherita de quatro. Com o marido, o Davide, fazia parte dos empenhados de Famílias Novas.

Em 1983, a sua família de origem (a mãe, Lia, é uma voluntária e o pai, Virginio, um focolarino casado) mudou-se para a Mariápolis Romana. Aos sete anos, a Chiara fazia parte do primeiro grupo de crianças que era acompanhado directamente pelo centro gen4. Um dia, Chiara Lubich visitou a sua sede, ouviu as suas experiências e, referindo-se à pequena Chiara, disse: «Esta é uma "popeta" (criança, em dialeto trentino - ndt) um pouco especial». Também a Dori Zamboni, uma das primeiras companheiras de Chiara, reconhecia na menina uma sensibilidade especial e, às vezes, quando ia descansar, aos fins-de-semana, levava-a consigo.



Quando cresceu, a Chiara escolheu a profissão de assistente social, trabalho que desenvolveu com grande entrega. Tinha no Evangelho a sua fonte contínua de conversão e de dedicação, o que a tornou capaz de fazer convergir para a unidade pontos

de vista diferentes.

Participava assiduamente na vida da paróquia: era catequista, animadora nos grupos de famílias, nos cursos para namorados e nas actividades do jardim infantil. Com o seu temperamento radioso, transmitia alegria a toda a gente com quem se cruzava.

Na Missa do funeral, concelebrada por sete sacerdotes, o pároco falou da Chiara como «mulher de fé, num caminho de santidade, enamorada de Jesus Cristo e esposa pronta para o seu Esposo» e salientou as muitas Bem-Aventuranças que a sua vida espelhou. Muito emocionantes foram os testemunhos, entre os quais o do presidente da autarquia do local onde ela trabalhava e os das suas colegas de trabalho. Estas decidiram dar vida a um projecto a favor de crianças com fragilidades familiares e que terá o seu nome.

Donata e Marco Tessarin

Gianna Barabaschi

De pé, como a Desolada

A Gianna, voluntária da região de Bolonha, funcionária bancária, era casada com o Salvatore, secretário do município. Em 2009, num acidente de carro em que ela era a condutora, a sua mãe perdeu a vida e a Gianna, que foi considerada culpada, ficou sujeita a um processo penal. O sofrimento foi enorme, mas o apoio de toda a família e do Movimento, que tinha conhecido há alguns anos, ajudaram-na a ultrapassar esta grande provação, enraizando-a profundamente no Ideal. Maria tornou-se a sua força.

Em 2016, surgiu a doença do Salvatore que os médicos não conseguiram diagnosticar e que causou a sua morte inesperada. A Gianna viveu este dramático acontecimento ancorada em Deus, de pé, como a Desolada, acreditando no Paraíso.



E, a partir desta altura, começou a sua escalada pessoal, aceitando a inevitável debilidade física e os momentos de desconforto. Nos numerosos internamentos a que teve de se sujeitar estabeleceu relacionamentos especiais com as companheiras de quarto e com o pessoal de saúde. Uma senhora idosa, da cama ao lado, querendo imitá-la, rezava com ela o terço todos os dias, pediu para se confessar e recebeu a Eucaristia e a Unção dos enfermos. Alguns dias depois partiu para o Céu.

Também no lar de idosos para onde a Gianna se mudou, não deixou de amar, conquistando todos com o seu sorriso «que transmitia alguma coisa de grande». Quando lhe foi comunicado que não chegaria à manhã seguinte, preocupou-se mais com quem foi visitá-la e não tinha onde se sentar do que consigo própria. Pouco tempo depois, serena e com suspiro breve, partiu para a Mariápolis Celeste. Tinha 76 anos. Foi no dia 7 de dezembro de 2017.

Daniela Nicolini Palmieri

Luigina Micocci Pasquini

Atenta e trabalhadora, humilde e muito afectuosa

A Luigina, do centro da Itália, era uma jovem esposa quando decidiu tornar-se uma voluntária, colocando Deus no primeiro lugar e doando-se com generosidade a toda a gente. Atenta e trabalhadora, humilde e muito afectuosa, a sua casa estava sempre aberta para toda a gente. Trabalhava muito na paróquia e, com a sua mansidão e disponibilidade, atraía as pessoas para Deus. Ajudou com muito amor o marido, Mario, também ele voluntário, durante



a sua longa doença, sem nunca se lamentar e confortando os dois filhos e os netos.

Desde há alguns anos, também ela convivia com a doença, que aceitou desde o início como vontade de Deus, seguindo escrupulosamente tudo o que os médicos lhe diziam para fazer.

Nos últimos anos, teve de ser internada várias vezes. Apesar disso, era fiel à Eucaristia diária e, sempre que possível, à vida de núcleo. No dia 25 de agosto de 2017, o Pai chamou-a a Si, aos 86 anos de idade.

Anna Maria Dettori Bambini

Artenice (Nuccia) Campari

«Posso dar-me porque Deus me ama»



Desde jovem que a Nuccia, voluntária de Parma (Itália), conheceu o sofrimento: a perda da mãe, o pai que se casou de novo e que veio a ter outro filho. Mas, por causa do seu carácter extraordinário, conseguiu ter um relacionamento especial quer com o irmão, quer com

a nova mulher do pai. Estava empregada e fazia o seu trabalho com rigor e entusiasmo, construindo relacionamentos autênticos.

Ter conhecido os Focolares foi para ela decisivo. A sua vida, que já era boa, transformou-se. Percebeu que todos os sofrimentos, passados e presentes, olhando para o Crucifixo têm um sentido. Escreveu a uma amiga: «na minha vida actual nasce uma canção no meu coração: posso recomeçar, posso dar-me porque Ele, Deus, ama-me!»

Na Nuccia cresceu gradualmente o desejo de se dedicar à catequese, tornando-se bem cedo uma pedra viva da comunidade. Muitos dos jovens que ela formou ficaram-lhe afeiçoados com o decorrer dos anos. Prestou uma atenção especial à Liturgia, tendo formado, para este serviço, também outros leigos. A sua dedicação à paróquia foi uma missão, através da qual se sentia fortemente ligada a Deus. No dia 11 de junho de 2017, na festa da Santíssima Trindade, com 87 anos, deixou esta Terra para chegar à Casa do Pai.

Daniela Nicolini Palmieri

Os nossos parentes

Passaram à outra vida: O **Pe. Ermete**, irmão da **Maria Palombo**, focolarina na Mariápolis Romana; o **Antonio**, irmão do **Gianni Novello**, focolarino na Mariápolis Romana; a **Sabina Carmen**, mãe da **Carmen Pérez**, focolarina em Buenos Aires; a **Eugenia Sobkowska**, irmã da **Irena Budasz**, focolarina na Mariápolis Fiore (Polónia); o **Józef Pelc**, pai da **Joanna Iwko**, focolarina casada de Breslávia (Polónia); a **Ana**, filha da **Mirjam** e do **Thon Horzelenberg**, focolarinos casados da Eslovénia; o **Zdravko Kokalj**, pai da **Anica Povirk**, focolarina casada da Eslovénia; a **Zofka**, mãe da **Silva Tomis (Gevi)**, focolarina na Eslovénia; o **József**, pai da **Erzsó Barna (Marides)**, focolarina em Bratislava; o **Franco**, pai da **Daniela (Ams)**, focolarina em Bolonha, e da **Donatella Fiorani**, focolarina em Monterreal (Canadá); o **Nino**, pai da **Sara Pagliaricci Ferrante**, focolarina casada na Mariápolis Romana; o **Ashiq**, pai do **Arif**, focolarino em Karachi (Paquistão); a **Teresa**, mãe do **Dennis Mestroni**, focolarino em Udine; a **Pierina**, mãe do **Aurelio Sitta**, focolarino em Loppiano; a **Vesela**, mãe do **David Krsticevich**, focolarino em Melbourne; a **Elva**, mãe do **Pe. Beppe Uberto**, sacerdote focolarino no Piemonte; a **Giuseppina**, mãe da **Anna Bevilacqua**, focolarina em Florença; a mãe da **Maria Teresa Bracco**, focolarina em Trento; a **Ini**, mãe da **Rita Nolasco (Ting)**, focolarina na Mariápolis Pace (Tagaytay); o **Enrico**, pai da **Stella Park**, focolarina na Coreia; o **Manoel**, pai da **Doni Valente**, focolarina do Gen Verde; o **Alberto**, pai da **Esperanza Aid**, focolarina na América do Sul, e da **Laura**, focolarina externa casada de Asunción; o **Francisco José**, pai da **Dolores (Uni) Dos Santos**, focolarina em Iași (Roménia); a **Speria**, mãe da **Cristina Frias Del Arco**, focolarina em Varsóvia; o **Joseph**, pai da **Cecilia Maundu**, focolarina em Lubumbashi (Congo).

A errata corrige. Retificando o que foi publicado no número de Mariápolis n. 1-2/2018 corrige-se que as datas exatas da «partida» da **Gis Calliari** (pág. 34) e da **Margaret Rose Anthony Gill (Perla)** (pág. 37) são, respectivamente no dia 20 e não 19 de janeiro de 2018, e no dia 1 de janeiro de 2018 e não no dia 1 de dezembro de 2017, como erradamente se indicou. Pedimos desculpa pelo erro involuntário.

MARIÁPOLIS NOTICIÁRIO INTERNO DO MOVIMENTOS DOS FOCOLARES

Revista mensal • Número avulso: € 1,50 • Ano XXXI • Março e abril de 2018 • Propriedade: Movimento dos Focolares (Obra de Maria) • Morada: **Cidadela Arco-Iris • Rua Senhora da Graça, 60 • 2580-042 ABRIGADA • Tel.: 263 799 995** • Diretora: Filomena Viegas • Tiragem: 350 exemplares • Impressão e pré-impressão: Impresso na U.E. • Colaboradores: Sara Cruz • Isenta de registo na E. R. C. (ao abrigo do Decreto Regulamentar 8/99 de 9/6, Artigo 12º. nº1a).



Dar um pouco de alegria...

No rescaldo dos dramáticos incêndios do ano passado, a AMU portuguesa criou uma rede entre algumas das vítimas e o Movimento dos Focolares, por forma a ajudar concretamente as vítimas.

Inspirados nos gen4 africanos, que plantaram árvores numa floresta onde tinham sido abatidas várias plantas, os gen4 de Portugal resolveram ir visitar uma das aldeias mais danificadas pelos incêndios de outubro e plantar árvores para substituir algumas das que tinham ardido. Esperavam com isso levar um pouco de alegria àquelas pessoas. A ideia foi muito bem recebida e acabámos por encher um autocarro, em colaboração com Humanidade Nova.

Passámos o dia em Carvalhal de Vermilhas, uma aldeia perto de Vouzela. Fomos recebidos pelo Presidente da Câmara, a quem os gen4 ofereceram um dado do amor. O Presidente disse que iria lançar o dado todos os dias, quando chegasse ao trabalho. Depois fomos até um campo, onde existe um carvalho centenário que foi apanhado pelo fogo. Apesar do exterior do carvalho estar completamente queimado, as pessoas de Carvalhal de Vermilhas acreditam que, dentro, o



carvalho ainda esteja vivo e que irá sobreviver. De certa forma este carvalho tornou-se um símbolo para estas pessoas, que apesar do fogo, ainda têm esperança no futuro. Foi junto dessa árvore que os gen4 plantaram os carvalhos que levaram.

Também ouviram algumas histórias das pessoas que estiveram ali durante o incêndio, e cantaram duas canções para todos.

Daniel Claro